

Clemente Ivo Juliatto

Cartas a estudantes

e aos que procuram cultivar-se



Clemente Ivo Juliatto

Cartas a estudantes

e aos que procuram cultivar-se

 PUCPRESS

Curitiba
2020

©2020, Clemente Ivo Juliatto
2020, PUCPRESS
2020 – 2. ed.

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

Editora Universitária Champagnat

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Marcelo Manduca;

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Solange Freitas de Melo Eschípio;

Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Nilma de Almeida Pinto

Revisão: Camila Fernandes de Salvo;

Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Ilustração: Rosane Wagner; Elizabeth Wagner

Diagramação: Rafael Matta Carnasciali

Impressão: Reproset Indústria Gráfica

Técnicas de ilustração utilizadas: Tinta nanquim e caneta hidrocor.

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiottto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amissis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155

Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Sônia Maria Magalhães da Silva - CRB-9/1191

J94c
2020
Juliatto, Clemente Ivo
Cartas a estudantes e aos que procuram cultivar-se / Clemente Ivo Juliatto. –
Curitiba : PUCPRESS, 2020. – 2. ed. – (Coleção sabedoria em cartas ; v. 1).
288 p. ; 30 cm

Inclui bibliografias
ISBN: 978-65-87802-21-3
978-65-87802-23-7 (e-book)

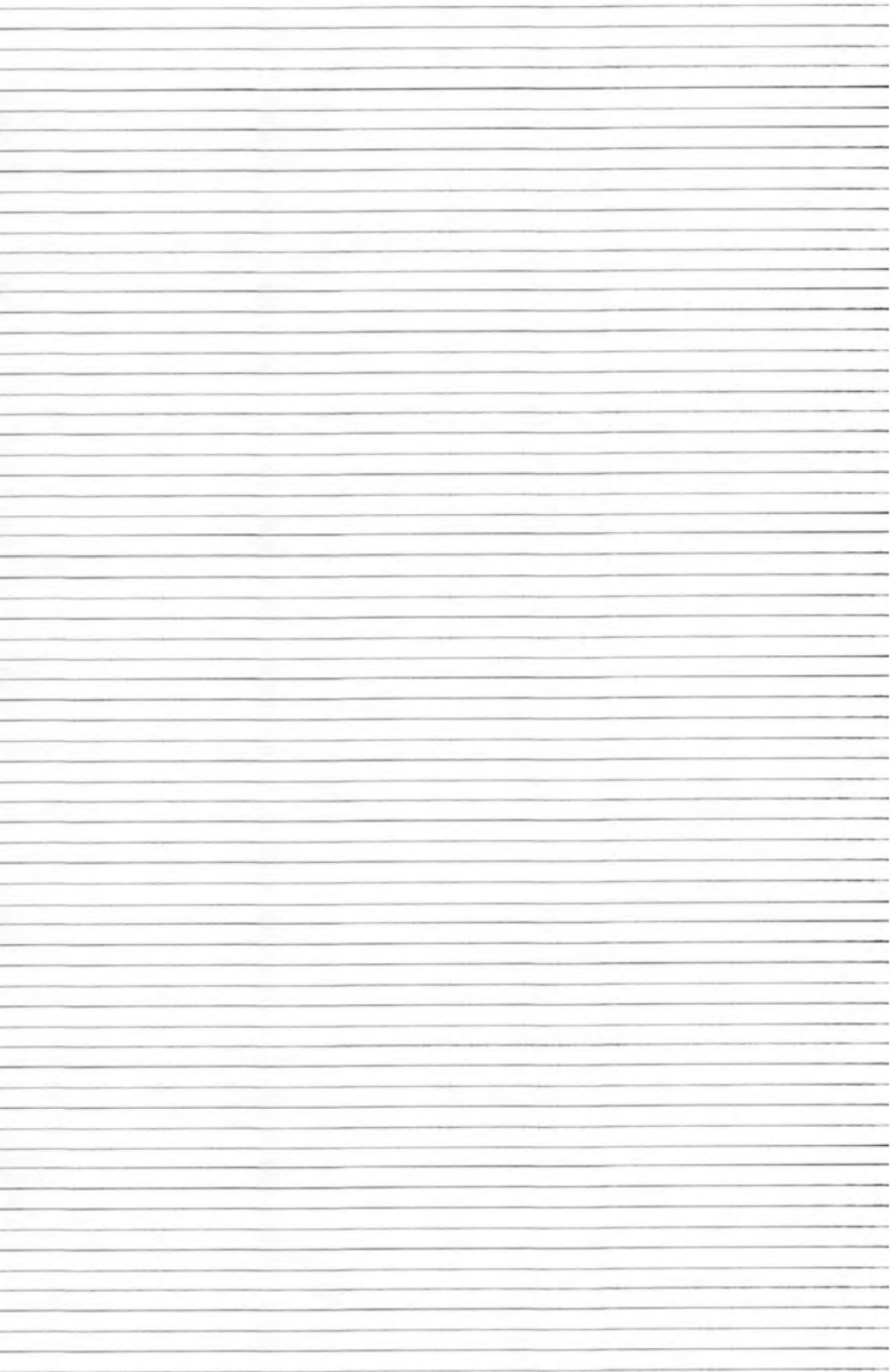
1. Estudantes universitários - Orientação. 2. Habilidades de vida. I. Título.
II. Série.

20-058

CDD. 20. ed. – 378.198

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ter dado vida e saúde, aos que leram os originais desta obra, aos que deram alguma sugestão para a melhoria do texto, aos seus revisores e diagramadores, à PUCPRESS, que resolveu publicá-la.



SUMÁRIO

Agradecimentos | 3

Prefácio | 7

Introdução | 11

Carta 1 - Aprenda a estudar | 15

Carta 2 - Na prática, como estudar? | 23

Carta 3 - O importante é aprender | 35

Carta 4 - Valorize a educação | 45

Carta 5 - Sua educação dura a vida inteira | 55

Carta 6 - Desenvolva o hábito de ler e de escrever | 63

Carta 7 - Aproveite bem seu tempo de formação | 73

Carta 8 - Tenha um projeto para sua vida | 81

Carta 9 - Acredite em suas capacidades | 89

Carta 10 - Prepare-se para a vida profissional | 99

Carta 11 - Motivação: o fator essencial para o sucesso | 107

Carta 12 - Assuma pessoalmente sua educação e seu desenvolvimento | 115

- Carta 13** - Cultive a espiritualidade | **121**
- Carta 14** - Creia em Deus e pratique uma religião | **127**
- Carta 15** - Melhore um pouco a cada dia | **139**
- Carta 16** - Aproveite bem o seu tempo | **147**
- Carta 17** - Trabalhe com inteligência e determinação | **155**
- Carta 18** - Fale sempre a verdade | **165**
- Carta 19** - Cultive o seu jardim | **175**
- Carta 20** - Não use drogas | **185**
- Carta 21** - Cultive boas amizades | **193**
- Carta 22** - Seja sempre educado e gentil com todos | **199**
- Carta 23** - Respeite os seus pais e as pessoas mais velhas | **209**
- Carta 24** - Pense antes de falar | **217**
- Carta 25** - A verdadeira felicidade consiste em servir | **225**
- Carta 26** - A vida é o seu maior presente | **237**
- Carta 27** - Preocupe-se com valores que permanecem | **245**
- Carta 28** - O dinheiro não é o principal em sua vida | **253**
- Carta 29** - Respeite a natureza | **263**
- Carta 30** - Direitos e deveres dos estudantes | **269**
- Oração do estudante** | **275**
- Referências** | **277**
- Sobre o autor** | **287**

PREFÁCIO

Escrever uma carta é agregar empatia nas palavras de seu texto. É dizer algo que realmente importa ao endereçado. É se debruçar com afinco na elaboração de um texto que otimize o que há de mais frutuoso em uma prosa. Escrever uma carta numa época de mensagens instantâneas não é apenas retomar uma nostálgica prática de comunicação, mas sobretudo ressignificar o próprio ato comunicativo contemporâneo demasiadamente centrado nos interesses do remetente.

A excelência do mestre é resultado da sua constância enquanto aprendiz. Como um excelente mestre que reconhece seus mestres, Clemente oferece os melhores ensinamentos de tantos ícones da história da Filosofia, da ciência e da arte, para aqueles que ousam intencionalmente aprender (e esse é o sentido de *estudante*). São orientações de quem soube e sabe muito bem colher o néctar da vida humana, que é o conhecimento, e transformá-lo no mel da sabedoria. Esta transformação de um para outro, como ocorre na natureza, pode ocorrer também no sujeito que estuda.

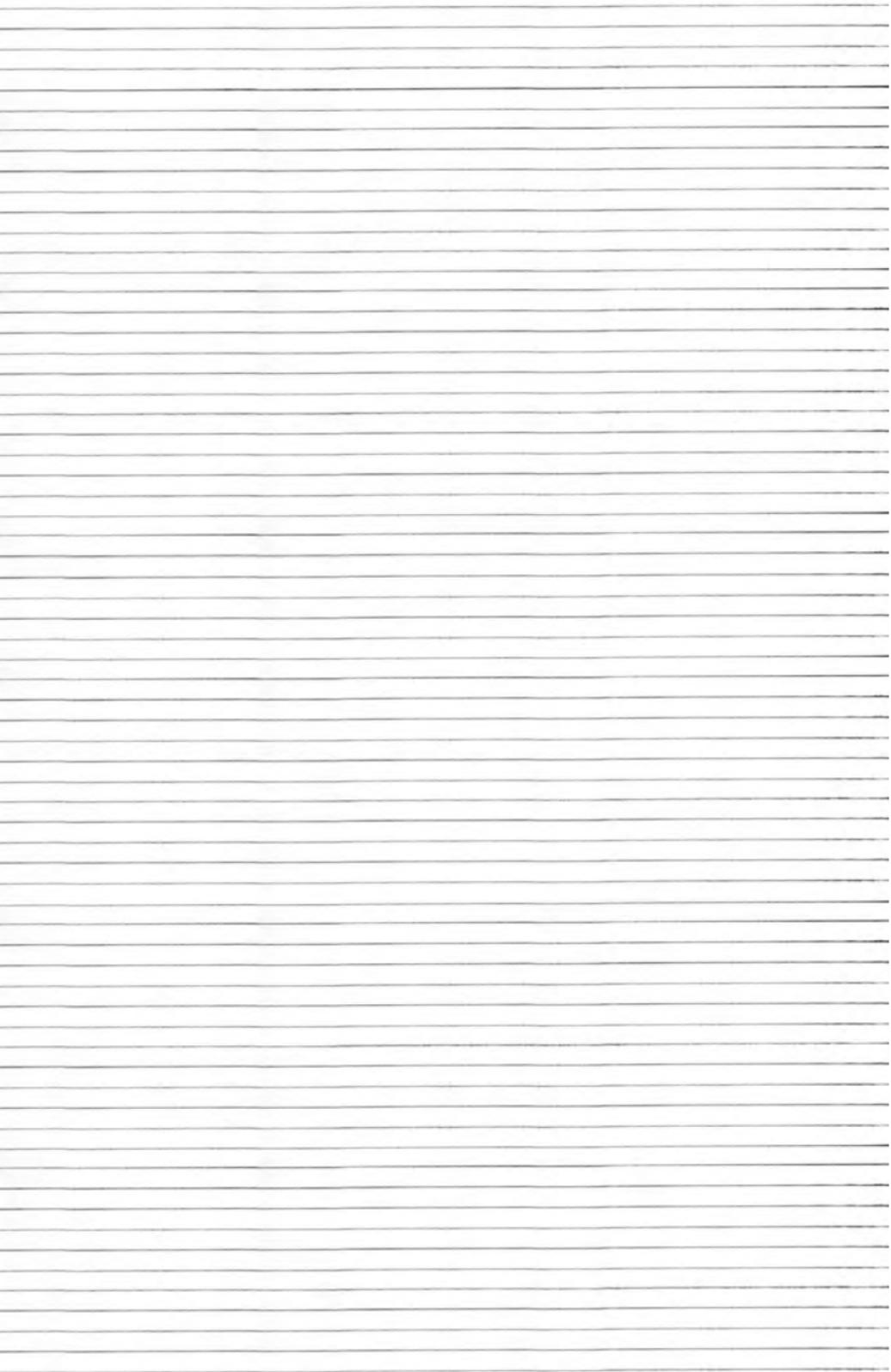
Todavia, assim como para as abelhas, esta transformação é resultado de um processo interno. Como sabemos, o néctar é adquirido com facilidade, pois está disponível para quem quiser obtê-lo, entretanto, a produção de mel requer um esforço e dedicação por parte de seu inseto produtor. Mas o que esse animal ganha com sua dedicação? Com a exclusão das possibilidades de deterioração da matéria-prima, este processo transforma o produto final no alimento mais duradouro da natureza, o que permite à abelha sobreviver em períodos de escassez e revés. O conhecimento também está submetido a semelhantes possibilidades de deterioração, especialmente neste período de escassez de sentido e de revés de excessos em que vivemos, como perspicazmente identifica Gilles Lipovetsky em seus escritos.

Um instrutor nos oferece conhecimentos. Um mestre nos fornece orientações para que, internamente, possamos tornar o conhecimento em sabedoria. É o que o jovem leitor irá encontrar aqui: orientações indispensáveis para *cultivar seu jardim*, ou seja, para buscar sua sabedoria. Endereçadas aos estudantes, as cartas de Clemente formam uma obra repleta de belos conselhos de quem muito aprendeu com a vida, mas aprendeu com a dedicação de estudante que se torna mestre. Como um estudante que muito aprendeu com este mestre, ousou deixar um único conselho aos estudantes leitores desta obra: usufruam de cada frase para

refletirem sobre seu projeto de vida, afinal, as cartas foram endereçadas a você.

Kleber Bez Birolo Candioto

*Filósofo e Decano da Escola de
Educação e Humanidades da PUCPR.*



INTRODUÇÃO

Este livro faz algumas considerações para quem está em processo de formação. E todos nós estamos nessa! Ele contém o pensamento do autor e mostra igualmente o que pensavam outras pessoas que se esforçaram para acertar na vida e progredir no seu aperfeiçoamento. São conclusões que deram certo para muita gente e poderão dar certo para você também.

Ao analisar o próprio sucesso, o conhecido cientista inglês Isaac Newton afirmou que ele só conseguiu enxergar mais longe porque se apoiou nos ombros de gigantes que o precederam. Provavelmente também nós temos muito a aprender com nossos predecessores bem-sucedidos. O pensador espanhol Baltasar Gracián diz que para viver, precisamos muito de entendimento, seja ele nosso ou emprestado. Faço uso aqui, então, do que aprendi sozinho e do que os outros me ensinaram.

Pense, por exemplo, que apenas uma pessoa descobriu a pólvora. Mas são muitos os que se aproveitam

dessa descoberta. Não é, pois, de desprezar o que os nossos predecessores descobriram!

O educador suíço Jean-Jacques Rousseau disse certa vez: “quero ensinar-lhe a viver”. Quem já viveu e passou por muita coisa na vida, como aconteceu com seus pais e professores, chegou a conclusões importantes e gostaria de ensiná-las. Você, supõe-se, também gostará de passar aos pósteros o que descobrir, sobretudo aquilo que você terá certeza.

A aprendizagem na escola e na vida depende muito das técnicas utilizadas. Elas podem ser descobertas pelo interessado ou aprendidas de alguém. Certamente, a falta de orientação é uma das causas do fracasso de tanta gente. Quase sempre, os estudantes são largados, ficando ‘cada um por si e Deus por todos’, como se diz. Apesar do esforço individual para acertar, percebe-se que há muito o que melhorar.

Sabe-se que todo ser humano, de qualquer condição, dispõe de inúmeros recursos pessoais. Efetivamente, conseguirá muito quem os descobrir e, além disso, souber usá-los. Afinal, cada um é o principal responsável por seu êxito nos estudos e na vida. Num assunto desses, ninguém pode fazer muito pelos outros. É a própria pessoa, mais do que ninguém, quem precisa desenvolver suas capacidades, hábitos e métodos.

Pergunta-se, então: você é um bom aprendiz?

Este livro pretende deixar orientações úteis a quem se interessar. Ele também pode ajudar quem

trabalha com educação: pais, professores, estudantes, todos, enfim, pois todos nós trabalhamos com educação. Afinal, cada um é o primeiro e o último responsável pela própria educação. Lembre-se do que escreveu sobre isso o filósofo Plotino: “sem cessar, não deixes de esculpir a tua própria estátua”.

Esta é uma obra baseada principalmente na experiência e vivência de quem escreve, como professor em todos os níveis, como diretor de escola e reitor de universidade. Contém recomendações de natureza pedagógica e pessoal. Trata-se, pois, de uma pequena ajuda para melhorar o desempenho de quem se esforça para aprender. É muito triste ver jovens literalmente jogarem fora os anos preciosos de escola por falta de orientação apropriada. Sem dúvida, o que lhes falta, muitas vezes, é transformarem-se de ‘alunos’ sem compromisso, em ‘estudantes’ empenhados em aprender.

Nestas cartas, você encontrará algumas historietas. Esses pequenos contos, além de serem de leitura fácil, constituem bom gênero pedagógico por contarem lições práticas. Ao relatarem fatos reais ou fictícios ou proporem analogias com objetos ou animais, fazem pensar e podem ter aplicação em nossas vidas.

Em alguns momentos, foi necessário traduzir o que encontrei em outras línguas. Se a tradução não foi perfeita, assumo o resultado.

Aqui, procurei, em 30 cartas, selecionar alguns temas que poderão ser úteis. Longe de esgotar o assunto, procurei dar a minha modesta contribuição. Meu

propósito foi simplesmente o de ajudar. Não sei se irei conseguir o que pretendia. Minhas limitações, entretanto, poderão ser compensadas pelas reflexões de quem ler o que procuro transmitir.

Agradeço penhorado a quantos colaboraram para que esta obra pudesse chegar até suas mãos.

O autor.

Carta 1

APRENDA A ESTUDAR

*É uma pena morrer quando me
faltava tanto para estudar.*

Menéndez Pelayo

Estudar de maneira correta e eficaz e, se possível, até rápida, deve ser a meta de todo bom estudante. Aprender como se estuda ajuda bastante a melhorar o desempenho na escola, no trabalho e também na vida. Aprender a estudar é sempre possível e constitui uma condição fundamental para todo estudante.

Em outras palavras, saber estudar significa saber como aprender. Hoje, dado o enorme aumento do conhecimento, torna-se praticamente impossível saber e acompanhar tudo. Não importa tanto saber muito, contanto que se saiba como descobrir e aprender o que não se sabe. Hoje, isso acontece até mais do que antigamente; então, torna-se importante saber como aprender. Pense também que, no campo do conhecimento, muita coisa envelhece bem depressa. Atualmente, em quase tudo, as mudanças são bastante rápidas.

A aprendizagem é um processo ativo pelo qual os estudantes incorporam novos conhecimentos a partir do estudo e da observação do que existe. A aprendizagem também requer sempre uma atitude positiva, uma disposição consciente. Aprender é adquirir novas formas de pensar, de fazer as coisas e de satisfazer nossas necessidades e desejos.

A estudar também se aprende

É importante e básico saber como se aprende, aprender como estudar, como ler, como tomar notas, como escrever bem, como utilizar a biblioteca e como formar a própria biblioteca, como usar o computador e a Internet, como aproveitar bem o tempo disponível e outras coisas relacionadas com a aquisição do conhecimento. Então, dedicar algum tempo a essa aprendizagem faz parte do conhecimento útil a quem deseja ir longe e bem na escola e progredir na vida.

Mas, para ir bem nos estudos, é preciso também ser disciplinado. Sem interesse e esforço, nada se consegue. Fracassar é fácil: é só não demonstrar interesse em aprender.

Sabe-se que existem obstáculos para ser um bom estudante, alguns são internos à pessoa, como a comodidade, a preguiça, a falta de hábito de estudo, a frouxidão etc. Outros são externos, como distrações, falta de um lugar apropriado para estudar, falta de material, de métodos e técnicas de estudo,

ameaças, castigos etc. É preciso descobrir e vencer esses obstáculos existentes.

É possível adquirir bons hábitos de estudo e vencer os maus, desde que se queira e se tome as medidas apropriadas para isso. Entretanto, aprender a estudar é um processo contínuo que dura toda a vida. Mesmo as melhores técnicas a serem usadas não são fixas e precisam ser adaptadas às necessidades de cada momento da História e da vida.

Estudar não é um fim em si mesmo, é apenas um meio para aprender. Não se pode, então, ter medo exagerado de errar. Muitas vezes, é errando que se aprende a não cometer duas vezes o mesmo erro. Aprender é adquirir a compreensão das coisas. Compreender é valorá-las e saber aplicá-las. Compreender e pensar são, praticamente, a base de tudo na vida.

Sêneca afirma que ninguém chegou a ser sábio por mera casualidade. É necessário, pois, aprender a ser sábio e esforçar-se para sê-lo de fato. Um dos mais importantes princípios da obtenção do êxito justamente diz respeito a ser constante e nunca ser derrotista. Ninguém sabe do que é capaz enquanto não tenta, disse o escritor latino Publilius Syrius.

Saber mais que os outros até que é fácil; o difícil é saber melhor que os outros, ponderam Sêneca e as pessoas inteligentes. E para saber mais e melhor, é preciso aprender como adquirir o conhecimento. Aprender a estudar permite melhorar os resultados e, até mesmo, poder dedicar menos tempo ao estudo para conseguir bons resultados.

Adquirir bons hábitos de estudo

Comece avaliando os seus hábitos de estudo e, em seguida, programe hábitos mais eficazes. É evidente que, ao fazer qualquer coisa como ela não deve ser feita, não se conseguirá tirar o proveito máximo do que se faz.

Quero deixar algumas dicas práticas para quem deseja ser bem sucedido na escola: não faltar às aulas; frequentar companheiros e cultivar amizades com quem sabe mais que a gente; tendo perguntas a fazer, fazê-las todas; ter uma participação ativa nas aulas; executar todas as tarefas e atividades extraclasse solicitadas pelo professor; estudar para aprender e não para memorizar; investigar por conta própria aspectos relacionados com os conteúdos estudados; combinar os momentos de estudo com os de descanso e lazer; organizar o tempo de estudo; participar de trabalho em equipe; nos trabalhos escritos, cuidar tanto do conteúdo quanto da apresentação; não deixar o trabalho se acumular; não desanimar quando se tem muito trabalho a fazer ou material a estudar; não desanimar tampouco quando ganhar nota baixa etc. (DÍAZ VEGA, 2006, p. 125 e 126).

Para aprender a estudar, você precisa considerar alguns pontos, como: as suas condições de estudo, local, horário etc.; a maneira como lê os textos, o seu grau de compreensão e de retenção do que lê; o uso que faz da biblioteca, do computador e dos outros recursos

de aprendizagem à sua disposição; como administra o tempo; como faz e apresenta os trabalhos; como toma notas; como prepara e faz os exames; o potencial e as limitações dos grupos de estudo; o conhecimento das preferências dos professores etc. É bom fazer uma análise desses itens para ver como vai seu progresso; convém examinar-se para ver que dificuldades encontra e o que pode fazer para melhorar seu desempenho.

É preciso que o estudante tenha bons motivos para estudar. Há quem estude para ser útil aos outros ou para preparar-se para uma profissão. Outros, para agradar aos pais, para conseguir algum prêmio ou mesmo para agradar a Deus que o criou para desenvolver-se etc. Essa motivação pode ser intrínseca, isto é, quando se busca a satisfação pessoal com a própria melhora ou extrínseca, quando dominam motivos externos, como incentivos, prêmios etc.

Aprender a ser 'gente boa'

Essa é uma dupla função: da escola e do aluno.

Qualquer escola que se preza, deve poder entregar a seus estudantes, no dia da formatura, dois diplomas: o diploma de um bom currículo de estudos e o diploma de 'gente boa'. A sociedade precisa não só de pessoas competentes e habilidosas, muito estudadas, mas também de bons cidadãos, de bons pais e mães de família, de profissionais éticos, de gente que possa ser útil aos demais, enfim.

A escola não pode ser o lugar onde se adquire somente conhecimentos, mas deve ser também o lugar onde se aprende a ser gente confiável, mais humana e mais sensível aos bons propósitos. O conhecimento é importante, mas não é o suficiente. É preciso chegar à sabedoria de vida para saber colocar o que se sabe em prática de forma ética.

O que se aprende fora da escola também é importante. A gente é educada com as lições da escola e com as lições da vida. A finalidade de toda a aprendizagem é para ser útil a si mesmo e aos outros. É a boa educação adquirida pelos cidadãos que torna melhor o comportamento geral das pessoas. Ser 'gente boa' é cultivar boas amizades, fazer descobertas que possam contribuir para uma sociedade mais justa e equânime. Ser 'gente boa' é ser alguém apontado como referência positiva na sociedade.

Desejo contar-lhe um fato que ilustra bem isso. Telmo Zarra era um dos maiores craques e goleadores do futebol espanhol, homem combativo, valente e arrematador. Pertencia ao Atlético de Bilbao. Certa ocasião, jogando em Málaga, corria para marcar um gol do qual todos já estavam praticamente certos. O defensor contrário, que o perseguia, num esforço para vencê-lo, tinha caído e até sofrido um acidente grave. Zarra, então, ficou sozinho em frente ao gol. E, em vez de chutar e fazer o gol, parou, jogou a bola para fora e foi ajudar o adversário caído.

A torcida do Málaga, time adversário, comovida com o que presenciou, começou a gritar: “Zarra, Zarra, Zarra!” Ao final da partida, ao ser entrevistado pelo repórter, Zarra declarou: “Foi o gol mais sério de minha vida!” (ERTZE, 2011, p. 26 – 27).

Seja como o lápis

A historietta do lápis também faz pensar um pouco. Conta-se que uma criança observava o avô que estava escrevendo com um lápis. Ao ser perguntado pelo netinho o que escrevia, sorriu e respondeu que mandava uma mensagem para ele e que, mais importante do que as palavras que escrevia, era o lápis que estava usando. Aconselhou, então, o neto a ser como um lápis, quando crescer.

A criança, não vendo nada de especial no lápis que estava sendo usado, comentou que ele parecia ser igual aos outros lápis que já tinha visto e perguntou de que jeito ele poderia ser como um lápis, logo um lápis! O avô mencionou, então, algumas qualidades importantes que via no lápis.

O lápis nunca escreve nada sozinho, disse. Ele é sempre guiado pela mão de quem o segura e guia. Essa é uma de suas qualidades e que nós também devemos ter. Como o lápis é sempre guiado pela mão humana, você, como eu, devemos também ser sempre guiados, mas pela mão de Deus.

O lápis, de vez em quando, precisa ser apontado para escrever melhor. Com isso, ele vai se gastando. Mas, sem dúvida, ele ficamelhor ao ser apontado. Também nós, às vezes, temos adversidades que nos purificame fazem de nós pessoas mais fortes e melhores.

Algumas vezes, o que se escreve precisa ser melhorado. Passa-se a borracha e apaga-se o que foi escrito com o lápis. Em nossa vida, sucede o mesmo, temos que apagar o que está errado ou o que não foi bem feito, para ser melhorado, é claro. Mas, atenção: que a borracha não se gaste antes do grafite. Seria sinal de que você está errando demais...

No lápis, não importa tanto a madeira exterior, mas o grafite que vai dentro. Conosco também é assim: importa mais o interior do que a aparência externa.

Finalmente, o lápis sempre deixa uma marca por onde passa. De igual modo, tudo o que fazemos na vida deixará marcas; por isso, é bom deixar legados que marquem positivamente a vida das pessoas.

Um conselho final: se você quiser ser um bom estudante e desenvolver-se bastante, é sempre bom fazer um pouco a mais daquilo que lhe é exigido.

Carta 2

NA PRÁTICA, COMO ESTUDAR?

*Se uma pessoa não tem seus conhecimentos
em ordem, quanto mais possua,
maior será sua confusão.*

Herbert Spencer

Quero destacar alguns pontos importantes para a arte de estudar. Abordarei brevemente o ambiente de estudo, a leitura, a administração do tempo, os trabalhos escolares, o uso do computador e de outros recursos de aprendizagem, os exames e provas, as anotações pessoais e o conhecimento de si mesmo e dos professores.

O ambiente de estudo

Para estudar com sucesso, o estudante, naturalmente, precisa ter as condições apropriadas: estar em um lugar tranquilo, sem ruído, bem arejado e iluminado; estar livre de distrações e isento de estímulos externos

(celular, TV, internet etc.); estar bem alimentado e descansado; ter um horário diário, de preferência fixo; levar uma vida disciplinada.

É preciso ressaltar, de início, que não é conveniente estudar em posição relaxada demais ou vestir roupa de dormir. Simplesmente não é bom sentir-se confortável demais, para não cair no sono. Se você estiver com muito sono, não adianta insistir, é melhor *tirar uma pestana* primeiro. É preciso também estudar todos os dias e não apenas quando dá vontade ou se é pressionado.

É fundamental cuidar da saúde; evitar a fadiga mental, trabalhando horas excessivas ou noite adentro; dormir bem e durante o tempo suficiente; não deixar as coisas para a última hora; não usar excitantes, drogas pesadas e nem pílulas para dormir ou para não dormir; praticar esportes e ter momentos de lazer; enfim, não é bom estudar demais nem de menos, mas na justa medida. Não é recomendável ser nenhum 'CDF', como se diz, nem um molengão.

Cada um precisa saber se é melhor estudar sozinho ou com amigos. Um bom companheiro pode trazer uma cooperação extraordinária, sobretudo na preparação dos exames. Muitas vezes, participar de um grupo de estudos é também bastante enriquecedor. Nem sempre vale o lema 'antes só do que mal acompanhado'. Lembre-se também de que muitos poderão se beneficiar de seu bom exemplo. É importante, no entanto, ter presente que a melhor

maneira de ver se o conteúdo foi bem entendido é ter de explicá-lo a outros.

O bom aluno prepara-se para as aulas. Para isso, pensa antes no que será estudado; quando pode, faz uma leitura prévia de alguns pontos que serão vistos; sempre leva todo o material apropriado para as atividades; chega na hora marcada e senta nas primeiras fileiras da classe. Evita que companheiros o distraiam, presta atenção no que é dito e, de preferência, faz perguntas inteligentes, sempre que for o caso.

Ler muito

A leitura é fundamental para o estudo. Nada é mais valioso do que ela; quase tudo se faz por meio dela. Ao ler, é bom cuidar de três coisas: a velocidade da leitura, a compreensão do texto e a lembrança do que fica. Esses são os componentes mais importantes de qualquer leitura. A compreensão e a lembrança estão em primeiro lugar. A velocidade vem depois. Naturalmente, você poderá ler alguns materiais mais ou menos rapidamente que outros.

Para uma leitura proveitosa, é preciso: ter presente o objetivo da leitura (superficial e rápida, crítica ou aprofundada), destacar os pontos principais do texto, ver os títulos e subtítulos dos capítulos (são os destaques que o autor quer dar), tomar conhecimento da motivação e do resumo do tema feitos no início dos capítulos, ou onde estiverem.

É importante para o estudante também tirar bastante proveito da biblioteca da escola. Aprender a usá-la é, pois, fundamental. Aí está um tesouro a ser aproveitado. Quanto mais se utiliza a biblioteca, mais se passa a valorizá-la. Nela, fica muito material útil, além de ser um ambiente favorável ao estudo. Os bibliotecários também podem servir de grande ajuda, em especial na localização dos materiais desejados.

A valorização dos livros é básica. Neles, está armazenado todo o conhecimento da humanidade. No Egito Antigo, as bibliotecas eram chamadas de *O tesouro dos remédios da alma*. Nelas, curava-se a ignorância, a mais perigosa das enfermidades e a origem de todas as demais. Assim, pensava o escritor Bossuet. Sabe-se também que lendo bastante, aprende-se a ler, e escrevendo, aprende-se a escrever.

O bom estudante, desde cedo, começa a formar sua própria biblioteca. Nunca destrói seus livros; pelo contrário, cuida deles com capricho e carinho. John Milton, um dos maiores escritores ingleses, dizia que destruir um livro é quase como matar alguém. Quem mata uma pessoa mata um ser de razão; mas quem destrói um bom livro, mata a razão humana, afirmava.

Administrar bem o tempo

Aprender a administrar o tempo disponível é fundamental. O problema que muitos estudantes têm é o de não saber aproveitá-lo devidamente. Francis

Este livro traz cartas endereçadas aos estudantes e a outras pessoas que desejam cultivar-se por meio do estudo e da leitura. Também contém conselhos práticos a quem procura ser bem-sucedido na escola e na vida.

Por meio de 30 cartas, Clemente nos deixa a sua experiência profissional como professor de vários níveis do ensino, diretor de escola, reitor de universidade, e o que aprendeu ao longo da sua vida de assíduo leitor e de estudioso. Traz, igualmente, o pensamento e os conselhos de bons autores sobre o tema.

Acertar nos estudos, na escola e na vida é o desejo de todas as pessoas de bem. Esta obra, de leitura fácil, contém conselhos práticos para isso.

Clemente Ivo Juliatto

Cartas a professores

e aos que ajudam os outros
a cultivar-se



Clemente Ivo Juliatto

Cartas a professores

e aos que ajudam os outros a
cultivar-se

 PUCPRESS

Curitiba
2020

©2020, Clemente Ivo Juliatto
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

Editora PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Juliana Almeida

Colpani Ferezin

Revisão: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Ilustração: Rosane Wagner, Elizabeth Wagner

Diagramação: Rafael Matta Carnasciali

Impressão: Reproset Indústria Gráfica

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxi Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amassis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

Técnicas de ilustração utilizadas: Tinta nanquim e caneta hidrocor.

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat
Rua Imaculada Conceição, 1155
Prédio da Administração - 6º andar
Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. +55 (41) 3271-1701
pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

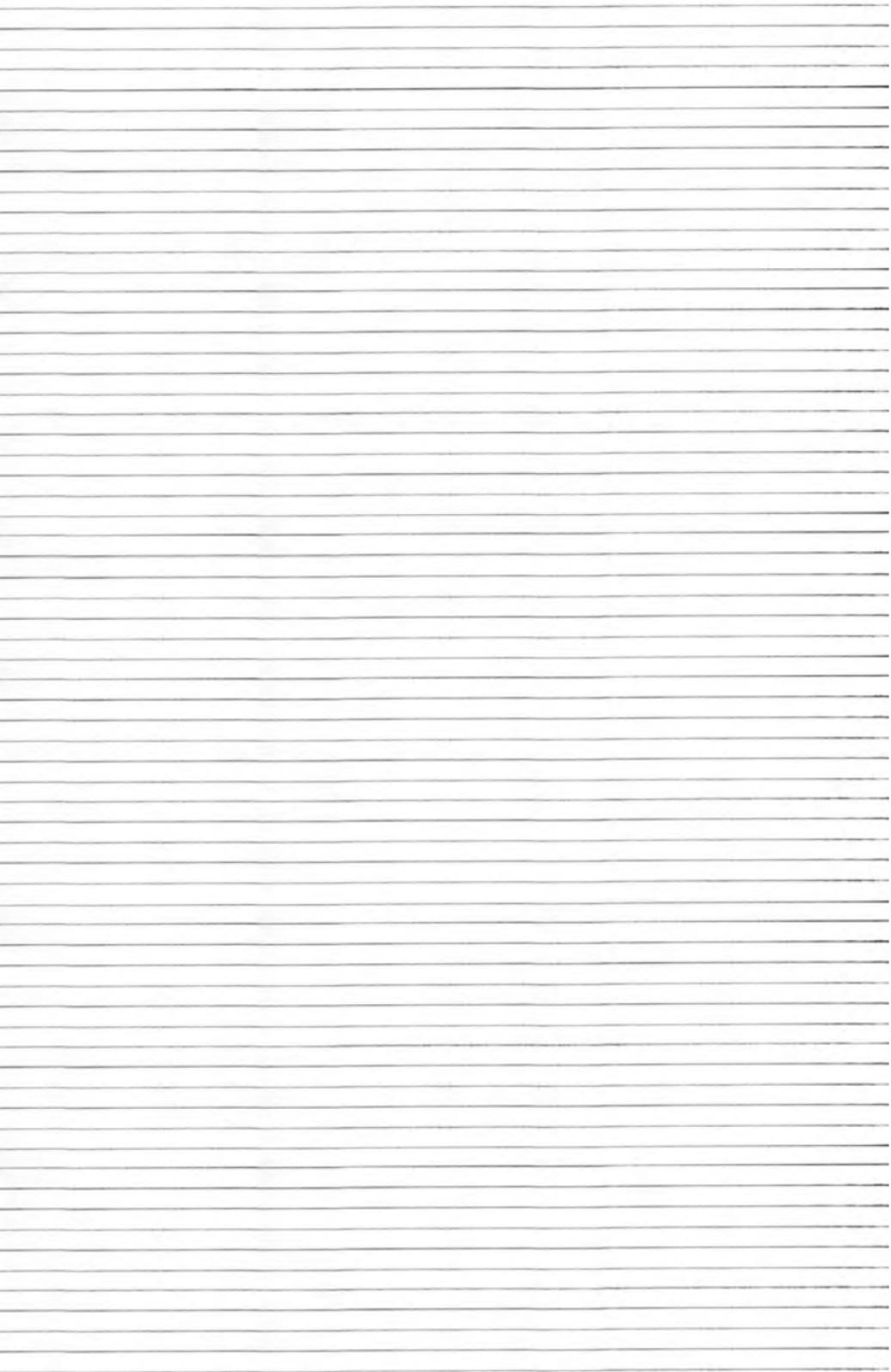
J94c
2020
Juliatto, Clemente Ivo
Cartas a professores e aos que ajudam os outros a cultivar-se / Clemente Ivo Juliatto. –
Curitiba : PUCPRESS, 2020.
256 p. ; 21 cm. (Coleção Sabedoria em Cartas, v.2)

Inclui bibliografias
ISBN 978-65-87802-17-6
978-65-87802-22-0 (E-book)

1. Professores – Formação. 2. Educadores. 3. Professores – Treinamento.
4. Prática de ensino. 5. Professores e alunos I. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu vida e saúde; aos que leram os originais desta obra; aos que deram alguma sugestão para a sua apresentação e melhoria; aos revisores, diagramadores e à Editora PUCPRESS que resolveu publicá-la.



SUMÁRIO

Agradecimentos | 3

Prefácio | 7

Introdução | 11

Carta 1 - O que é mesmo educar? | 15

Carta 2 - A boa educação | 25

Carta 3 - O bom professor | 33

Carta 4 - Ainda o professor | 41

Carta 5 - Além de professor, seja educador | 47

Carta 6 - Fale sempre a verdade | 57

Carta 7 - Uma verdadeira educação | 69

Carta 8 - Ensine também valores | 77

Carta 9 - A escola | 83

Carta 10 - A boa escola | 89

Carta 11 - Meu mestre | 95

Carta 12 - Uma viagem inacabada | 101

Carta 13 - Praticar uma religião? | 107

Carta 14	- A busca da felicidade	115
Carta 15	- Servir os alunos	121
Carta 16	- Seus alunos são gênios	127
Carta 17	- A missão do professor	131
Carta 18	- Prepare suas aulas	135
Carta 19	- Aproveite seu tempo	141
Carta 20	- Cultive a espiritualidade	147
Carta 21	- Prefira quem tem dificuldade	155
Carta 22	- Avalie seu desempenho	161
Carta 23	- O importante é aprender	167
Carta 24	- Use as tecnologias disponíveis	175
Carta 25	- Além de conhecimento, demonstre sabedoria	181
Carta 26	- Cultive-se sempre	191
Carta 27	- Ensine a estudar e a pensar	199
Carta 28	- Trate sempre bem a todos	207
Carta 29	- Pratique o que ensina	213
Carta 30	- Seja justo e bondoso	219
Qualidades do verdadeiro mestre		227
Oração do professor-educador		229
Obrigações do professor-educador		231
Direitos do professor-educador		233
Referências		235
Sobre o autor		255

PREFÁCIO

O convite para prefaciar a obra *Cartas a professores e aos que ajudam os outros a cultivar-se*, muito me honrou. Foi inevitável lembrar a minha caminhada junto com Clemente Ivo Juliatto. Ao longo de uma jornada de quarenta anos, com os Maristas, na Pontifícia Universidade Católica de Paraná, convivi com ele, quando ele aí atuou como professor e depois como reitor. Por muito tempo, aprendi a admirá-lo como pessoa e como profissional. Digo isto para mostrar a relevância e o significado destes escritos. As cartas aqui apresentadas tratam de reflexões bem fundamentadas, escritas ao longo de sua vida acadêmica.

O autor tem em sua história, estudos significativos que envolveram a realização de graduações, mestrados, doutorado e pós-doutorados em instituições nacionais e internacionais, renomadas e reconhecidas. Nelas, foi titulado com distinção e louvor. Esta caminhada de formação continuada desafiadora e crítica proporcionou-lhe uma ampliação em sua visão de

mundo, de sociedade e de educação. Em especial, na área de Administração Escolar, sua especialidade.

As lições de vida e de sabedoria que adquiriu permitiram a escrita destas cartas, compartilhadas com docentes, gestores e profissionais de educação. Cabe ressaltar que alguns destes escritos serviram de subsídio para os seus discursos sobre a formação de professores, na PUCPR e em outras universidades nacionais e internacionais.

Ao tomar contato com estas cartas, como leitora, senti vontade de torná-las exemplos para minha vida. Essa mesma é a ideia do autor que convida o leitor para usufruir de suas contribuições. Em suas próprias palavras: *“Resolvi escrever este livro de cartas para que os professores e outras pessoas que se dedicam a atividades de ensino, ou assemelhadas, se tornem ainda melhores do que já são. Ser professor é algo muito importante”* (JULIATTO, 2019). Assim, o autor empresta suas experiências de vida como pessoa, como professor e como gestor para elaborar esse texto com ricas recomendações. Elas envolvem mensagens de fé, de compromisso consigo mesmo e com outros educadores.

Nos nossos encontros ao longo da vida acadêmica, tendo o autor como reitor, mentor e como conselheiro, pude compartilhar os sabores e os saberes de suas orientações retratadas nestas cartas. No geral, elas servem como contributo para alicerçar a atuação na formação de pessoas de todo o tipo, especialmente de

professores e de alunos. Esta foi sempre a marca de sua luta e o grande ideal de toda a sua caminhada.

A convivência com o autor permitiu-me perceber nele sempre um pesquisador obstinado e um leitor encantado e comprometido com a educação, o que fica retratado nas suas atitudes e ações. Sua intensa leitura fica evidente ao elaborar os textos, pois coleta frases e contribuições significativas de grandes autores que subsidiam seus escritos.

Com a propriedade da vivência em atuação docente, de diretor de escola e de reitor de uma grande instituição de ensino, empresta sua experiência para auxiliar na formação de pessoas melhores. Em suas palavras: é fundamental *“manter vivas as noções do bem comum, do respeito à natureza e da justiça social”*. Para tanto, tem esperança em educadores que possam acreditar e se dedicar ao *“bem comum e do próximo e a promover a cultura da espiritualidade, da solidariedade e a civilização do amor”* (JULIATTO, 2019).

A trajetória filosófica e pedagógica foi sempre a marca forte do autor. Seus estudos e investigações permitiram sempre consolidar discussões fundamentadas e competentes, auxiliando seus pares na busca da construção de uma nova visão de mundo. Nas últimas décadas, tem insistido na fala sobre o amor e a fraternidade, na tolerância, no credo, na harmonia com o universo, com a natureza e com os semelhantes.

Esta obra relevante, que tenho o prazer e o orgulho em prefaciá-la, tornou-se um sonho possível, o

sonho de um professor que se fez ao caminhar e que, neste caminhar, foi semeando bons frutos.

O autor preocupou-se em ajudar os professores elaborando lindas cartas, que alertam sobre saberes e atitudes que podem auxiliar na ampliação da visão dos docentes. Emprста dizeres a partir das conquistas de sua jornada de idealizações de uma vida mais plena e mais relevante.

As intervenções de Clemente permitem que seja lembrado sempre pelos docentes, por suas falas envolventes e seus discursos palpitantes, muito retratados nestas cartas. Destaco, com ênfase, frases como *“o professor precisa formar gente boa”* e a missão de um professor é *“formar profissionais competentes e virtuosos cidadãos”*.

Expresso gratidão ao Clemente por ter permitido que eu lesse em primeira mão estas cartas, que muito me tocaram como professora. Isso me fez acreditar ainda mais na missão docente marista, pois pude conviver com sua pessoa como um grande amigo e um admirável educador.

Neste sentido, recomendo a leitura da obra, pois trata-se de registro de uma vida dedicada à comunidade acadêmica e que, de maneira elogiosa, neste momento, se converte na publicação deste livro.

Profa. Dra. Marilda Aparecida Behrens

INTRODUÇÃO

Resolvi escrever este livro de cartas para que os professores e outras pessoas, que se dedicam a atividades de ensino, ou assemelhadas, se tornem ainda melhores do que já são. Ser professor é algo muito importante. Sem favor, uma das principais profissões que existem. Talvez até a mais importante de todas, pois pelas mãos dos professores passam, sem exceção, as demais. A sociedade precisa ficar bem servida de cidadãos competentes e honestos. É neste afã que operam a educação e os professores. E, graças a eles, a sociedade tem de melhorar. Assim, o nosso mundo também ficará melhor.

Grandes pensadores atinaram para a importância da profissão de professor. Victor Hugo dizia que o futuro está nas mãos do mestre-escola. O filósofo Bertrand Russell considerava os professores, mais do que qualquer outra classe, como os guardiões da civilização. O premiado escritor George Bernard Shaw confessava que para ele a única esperança de salvação residia no magistério. Dom Pedro II, imperador do

Brasil, confessou um dia: “se eu não fosse imperador, desejaria ser professor”. Não conheço, acrescentava, missão maior e mais nobre que dirigir as inteligências e preparar os homens do futuro. O papa São João XXIII mencionava a existência de três profissões muito importantes: médico, padre e professor. Médico porque cuida do corpo, padre porque cuida da alma e professor porque cuida de tudo.

De fato, os bons mestres que tivemos ficam marcados para sempre em nossos corações. O psicólogo Carl Jung, com razão, dizia: “A gente se recorda dos bons professores sobretudo, com muita gratidão, para aqueles que tocaram nossos sentimentos humanos”. Eles, de fato, nunca morrem em nossa lembrança. Você, professor, também pode ser assim. O cartunista norte-americano Aaron Bacall até arrisca uma hipótese: “Seu coração é um pouco maior do que a média humana; isso, porque você é professor”.

Sabe-se que a profissão de professor é preenchida por muitas pessoas idealistas que desejam colaborar com a humanidade. O professor diligente e sábio torna a aprendizagem uma alegria para os estudantes. O cientista Albert Einstein reconhece que “a tarefa do professor é despertar a alegria de trabalhar e de conhecer”.

Buda, líder espiritual do Oriente, compara o professor a um barco que leva o estudante para o outro lado do rio. A poetisa goiana Cora Coralina pondera: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. E o escritor Rubem Alves, da Academia

Brasileira de Letras: “O dedicado mestre sabe que ensinar é um exercício de imortalidade. Aquele que ensina, de alguma forma, continua a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de sua palavra. O professor, assim, não morre jamais”.

Na realidade, o professor é o verdadeiro manual de estudo do aluno, como o considera Gandhi. Ele é o responsável pelos “alunos que aprendem”, no dizer do educador americano Parker Palmer. Os estudantes “são o melhor resultado que os professores que ensinam podem alcançar”, continua o mesmo mestre. Os alunos ainda estão num processo de aperfeiçoamento. Nem todos ainda alcançaram o ponto desejado. Estão a caminho. São os professores que os ajudam a chegar lá.

Percebemos que hoje o discurso do bem se enfraquece, enquanto o discurso da falsidade e das preocupações utilitárias se fortalece. Por isso, a ação dos educadores e seu discurso devem atuar como força de contracultura. O objetivo é manter vivas as noções do bem comum, do respeito à natureza e da justiça social. É preciso integrar o pacífico exército da esperança, constituído também pelos educadores que se dedicam ao serviço do bem e do próximo e se empenham em promover a cultura da espiritualidade, da solidariedade e a civilização do amor.

Ao final de cada carta, conto algum pequeno fato ou historieta. Além de ser agradável de leitura, uma historinha é sempre bem-vinda e ensina muito. Espero que seja assim com o prezado leitor.

Resolvi, então, escrever estas cartas aos estimados professores e às demais pessoas que ajudam os outros no cultivo pessoal, para que sejam ainda melhores no que fazem e no que são.

O autor.

Carta 1

O QUE É MESMO EDUCAR?

Educação é a aquisição da arte de utilizar o conhecimento.

Alfred N. Whitehead

Prezado professor,

Platão foi um famoso filósofo e escritor da antiguidade grega. Foi também grande educador. Fundou a famosa Academia de Atenas. Era um lugar onde se estudava muito, se pensava bastante e se discutia sobre qualquer assunto considerado importante. Ali se reuniam os maiores pensadores da época. Por lá passaram importantes figuras como Sócrates, Aristóteles e Plutarco. A Academia de Platão é considerada a precursora das escolas modernas. Muitos até a consideram como a primeira universidade ocidental.

O pensamento de Platão também se tornou um dos fundamentos da civilização ocidental. Relativamente à educação, suas opiniões são fundamentais e até indicativas. Para ele, “o objetivo da educação é a virtude e o desejo de converter-se num bom cidadão”.

No seu entender, a sociedade tem o direito de se organizar, criando instituições ou organismos com finalidades específicas para cuidar de áreas que julga importantes. Assim, pode criar hospitais para cuidar da saúde dos cidadãos; polícia para garantir a ordem pública; escolas para preparar e qualificar seus cidadãos etc.

Para o pensador Platão, não há nenhuma dúvida: o papel da educação é o de se ocupar do homem virtuoso e do bom cidadão. Uns quatrocentos anos depois, Plutarco, outro grande pensador grego, importante escritor e historiador, também frequentador da Academia de Platão, considerava que “as verdadeiras raízes da honestidade e da virtude repousam na boa educação”. Foi dessa maneira que esse autor voltou a apontar a essência da atividade educativa.

Se olharmos para gente mais moderna, do século XX, vemos que seus pensamentos não são muito diferentes. O pastor Martin Luther King, líder dos direitos civis e mártir da igualdade racial nos EUA, afirma claramente: “inteligência mais caráter, esses são os objetivos da verdadeira educação”. King considera que a educação existe para desenvolver o modo de pensar e os princípios do bom comportamento das pessoas. Gandhi, professor e político, libertador e presidente da Índia, lembra que “a educação deve fazer desabrochar o que existe de melhor nas pessoas”. Paulo Freire, nosso grande entendido em educação, considera que “educar é, fundamentalmente, formar” o estudante.

Para Aristóteles, discípulo de Platão e frequentador de sua Academia, mestre dos que sabem no dizer de Dante, que também foi tutor do Imperador Alexandre Magno, “a pessoa educada difere tanto da deseducada quanto um vivo difere de um morto”. Tal pensamento, bastante forte, mostra o valor que tem a educação. Naturalmente, todos os cidadãos passam pela escola. Alguns são bem-educados, outros, entretanto, são apenas “escolados”. Como professores, “teríamos nós a temeridade de declarar que não somos responsáveis pelos males do mundo de hoje?”, pergunta Solzhenitsyn.

O respeitável filósofo alemão Immanuel Kant considera que “o homem não é nada além daquilo que a educação faz dele”. Na opinião de outro educador, o norte-americano Horace Mann, “o ser humano não atinge sua plena estatura enquanto não for educado”. E o escritor russo Liev Tolstói sugere que “a única ciência verdadeira é o conhecimento de como o indivíduo deve viver a sua vida”. O mesmo escritor lembra também que “tal conhecimento está ao alcance de todos”, pela educação, naturalmente.

Vemos então que a educação é a grande prioridade para qualquer sociedade. Isso vale tanto para o Brasil quanto para qualquer outra nação. Nesse ponto, o que percebemos? Vemos facilmente que os países que cuidaram da educação do seu povo progrediram e sofisticaram a sua sociedade, enquanto aqueles que não adotaram tal prioridade continuam primitivos e atrasados.

A propósito, o grande estadista brasileiro Miguel Couto já dizia em 1932: “A educação do povo é o nosso primeiro problema nacional: primeiro porque o mais urgente; primeiro porque solve todos os outros; primeiro porque, resolvido, colocará o Brasil a par das outras nações cultas, dando-lhe proventos e honrarias e lhe afiançando a prosperidade e a segurança; e se assim, na verdade se torna o único”. Já estamos quase comemorando o centenário desse belo dizer e a educação ainda continua como a grande prioridade nacional, mas só em tempo de eleição, durante as campanhas políticas, o que é lastimável, é claro!...

Surpreendeu-me ler recentemente, no jornal *Folha de São Paulo*, um artigo de João Carlos Martins. O conhecido maestro, após uma palestra proferida a cerca de 300 jovens detentos do Complexo Penitenciário de Bangu, no Rio de Janeiro, percebeu, em seus olhos cheios de lágrimas, que eles demonstravam que toda a pessoa, mesmo na prisão, carrega o bem dentro de si. O conferencista, então, deu-se conta de que “o maior problema do Brasil chama-se educação, que automaticamente está aliada à cultura”. E se perguntou: “Por que nós não seguimos outros países que têm como objetivo primeiro a educação, resultando numa evolução fantástica como exemplo de nação”?.¹

¹ MARTINS, J. C. João, o maestro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 set. 2017. p. A3.

Percebe-se facilmente que Victor Hugo tinha razão ao afirmar: “Quem abre uma escola, fecha uma prisão”. A educação, portanto, existe para formar o bom cidadão; a sociedade é sempre bem servida ao receber das escolas cidadãos bem formados. Não há por que enviá-los a qualquer prisão. Eles sabem como se comportar, uma vez que isso aprenderam na escola com seus mestres. Dessa maneira, uma boa escola torna-se garantia de paz e de tranquilidade para toda uma comunidade.

É preciso lembrar que a educação exige a formação da pessoa toda e não apenas de parte dela. Para a formação completa do estudante, portanto, para a preparação do cidadão em todos os sentidos, a escola dispõe do seu currículo pleno, que compreende tudo quanto se faz na instituição: o programa de estudos, o ambiente escolar e todas as demais atividades.

É preciso, entretanto, levar em consideração que a sociedade precisa não apenas de bons profissionais para o mercado de trabalho, mas também de cidadãos comprometidos com o bem e com a verdade. Por decorrência, a escola deverá formar cidadãos que sejam pessoas competentes, gente boa, buscadores da verdade, respeitadores das leis e da natureza; em resumo, a sociedade precisa de gente que presta.

Com o psicólogo Erich Fromm, acreditamos que “educar é ajudar o estudante a realizar as suas potencialidades”. O poeta e pensador espanhol Fernando Rielo declara: “O jovem é mais ilusão que pensamento. Por isso, necessita mais que de amigos, de um mestre”. Daí

a importância do verdadeiro mestre ou educador, que é mais do que simples professor, ou mero dispensador de conhecimentos, mas é verdadeiro pai e orientador.

O espectro amplo da educação é abordado pela UNESCO. Em seu Relatório, escrito no final do século passado, Jacques Delors, seu presidente à época, aponta as exigências da educação para o século XXI: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a aprender.

Na maioria das escolas, porém, a educação é limitada ao desenvolvimento da mente. Isso, entretanto, não passa da metade da formação da pessoa. E a outra metade como fica?... O filósofo inglês John Locke afirma claramente: “Creio que a instrução é a parte menor da educação”. As escolas que se prezam não podem ter uma visão tão limitada e tão estreita. Nelas, é preciso ir além da formação da mente e chegar à formação do coração. Muitas instituições, entretanto, fazem questão de assentar o seu *marketing* principalmente na formação intelectual que dão a seus estudantes. Perseguem dessa maneira um objetivo claramente incompleto.

A educação de qualidade não pode prescindir de algumas qualidades básicas que lhe são inerentes, como complementar às orientações da família, abrangente no seu escopo, atualizada, preocupada com a aprendizagem, espiritualizada, com avaliação do aluno e do professor, muito próxima do estudante e sempre acompanhada pelo bom exemplo dos educadores etc.

Para o educador Paulo Freire, a essência da educação está na formação do estudante. Por isso o professor deve orientar todo o seu trabalho pela pergunta: instruir apenas ou educar os estudantes de maneira mais ampla? O mestre consciencioso logo chegará à conclusão de que educar a pessoa toda é preferível a simplesmente instruí-la. Por instrução, entende-se a transmissão de noções e conteúdos, de competências específicas. Por formação, a transmissão de valores, de posturas, de condutas comportamentais. Freire afirma, categórico: “Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formativo”. E repete com insistência: “Educar é, fundamentalmente, formar”.

Falamos que qualquer sociedade precisa não somente de profissionais competentes. Ela também necessita de bons pais e mães de família, de pessoas responsáveis e colaboradoras, de gente boa e cumpridora de seus deveres pessoais, familiares e cívicos; afinal de bons cidadãos, ou seja, de gente que presta. Com o professor e psicólogo Carl Rogers, ficamos a pensar: “Os educadores precisam compreender que ajudar as pessoas a se tornarem pessoas é muito mais importante do que ajudá-las a tornarem-se matemáticos, políglotas ou coisa que o valha”.

Os educadores Jacques Drèze e Jean Debelle, dois especialistas em administração da educação superior, insistem: “As pessoas são pessoas antes de serem

advogados, médicos, comerciantes ou industriais. Se vocês fizerem delas pessoas capazes e sensatas, elas se transformarão por si mesmas em advogados ou médicos etc., capazes e sensatos”.

As experiências vivenciadas e as lições de sabedoria aprendidas com os mestres, com colaboradores e os próprios colegas serão lembradas e usadas durante toda a vida pelos estudantes. Esta marca é a memória e o distintivo que os antigos alunos levarão de sua *Alma Mater*, a instituição que os educou e lhes deu formação para a vida.

Para concluir esta carta, quero relatar mais algo sobre Platão.

Educação tem que vir com crescimento pessoal

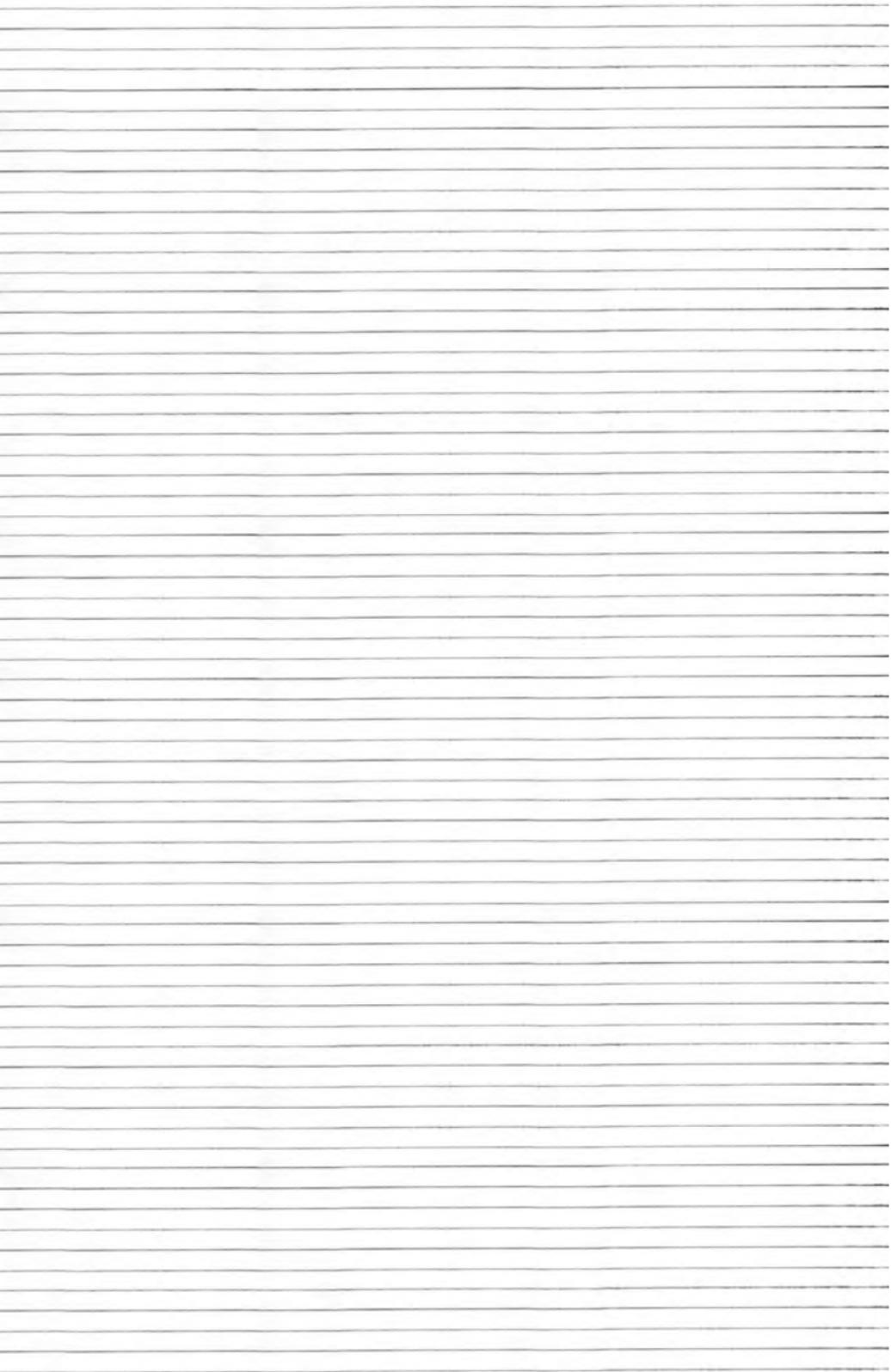
Conta-se que antes de ser construída a famosa Academia de Platão, em Atenas, foram perguntar ao mestre em que ponto da cidade ele gostaria de vê-la edificada. Depois de pensar um pouco, o filósofo respondeu:

“O mais longe possível do mercado”!

Platão, certamente, não se referia à palavra ‘mercado’ como indicação do mercado público, ou seja, o lugar onde se compra e se vende alface, cenoura e outros gêneros alimentícios,

mas a entendia como o lugar onde são feitos os negócios.

De fato, educação tem pouco que ver com dinheiro e comércio e muito, com crescimento pessoal e serviço à sociedade.



Este livro contém orientações para o bom desempenho dos professores e de quem orienta os outros a cultivar-se. Quando as escolas e seus professores estiverem conscientes de suas enormes possibilidades e tirarem proveito delas, teremos, fatalmente, como consequência, uma sociedade mais desenvolvida com cidadãos melhores e mais habilitados. É que a educação é o grande meio para elevar o padrão de qualquer pessoa e de qualquer país. A educação de qualidade torna-se então fundamental e modificapara melhor qualquer sociedade.

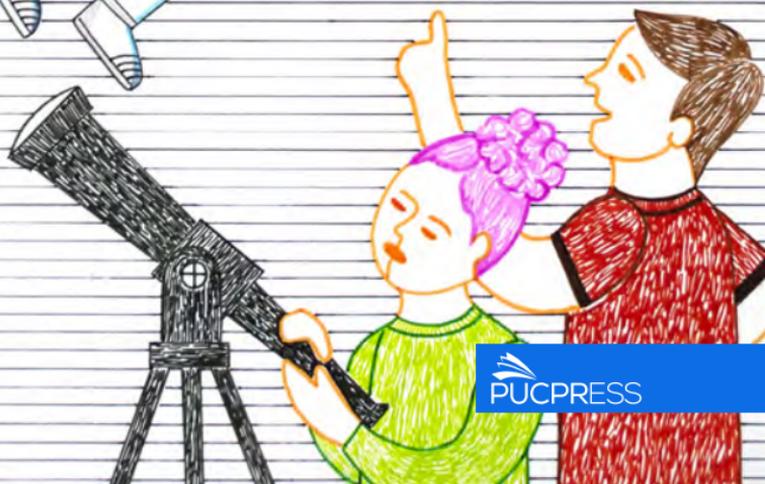
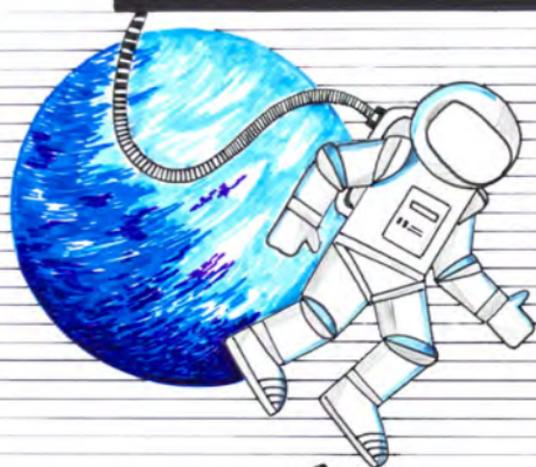
Por meio de 30 cartas, o autor traz importantes lições aos professores, aprendidas durante a sua longa experiência como educador. Traz, igualmente, o pensamento de grandes educadores que se ocuparam dos mesmos temas. Ao final de cada carta, o autor conta uma pequena história, em geral, relativa ao tema.

As presentes cartas são também úteis para quem estuda ou trabalha com educação. Elas não precisam ser lidas na ordem proposta.

Clemente Ivo Juliatto

Cartas a pais de estudantes

e aos responsáveis por quem
procura cultivar-se



Clemente Ivo Juliatto

Cartas a pais de estudantes

e aos responsáveis por quem
procura cultivar-se

 PUCPRESS

Curitiba
2020

©2020, Clemente Ivo Juliatto
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

Editora Universitária Champagnat

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Paula Lorena Silva Melo

Revisão: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Ilustração: Rosane Wagner; Elizabeth Wagner

Diagramação: Indianara de Barros

Impressão: Reproset Indústria Gráfica

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiottto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amissis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

Técnicas de ilustração utilizadas: Tinta nanquim e caneta hidrocor.

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat
Rua Imaculada Conceição, 1155
Prédio da Administração - 6º andar
Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. +55 (41) 3271-1701
pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

J94c
2020

Juliatto, Clemente Ivo
Cartas a pais de estudantes e aos responsáveis por quem procura cultivar-se / Clemente Ivo Juliatto. –
Curitiba : PUCPRESS, 2020.
272 p. ; 21 cm. (Coleção Sabedoria em Cartas, v.3)

Inclui bibliografias
ISBN 978-65-87802-18-3
978-65-87802-25-1 (E-book)

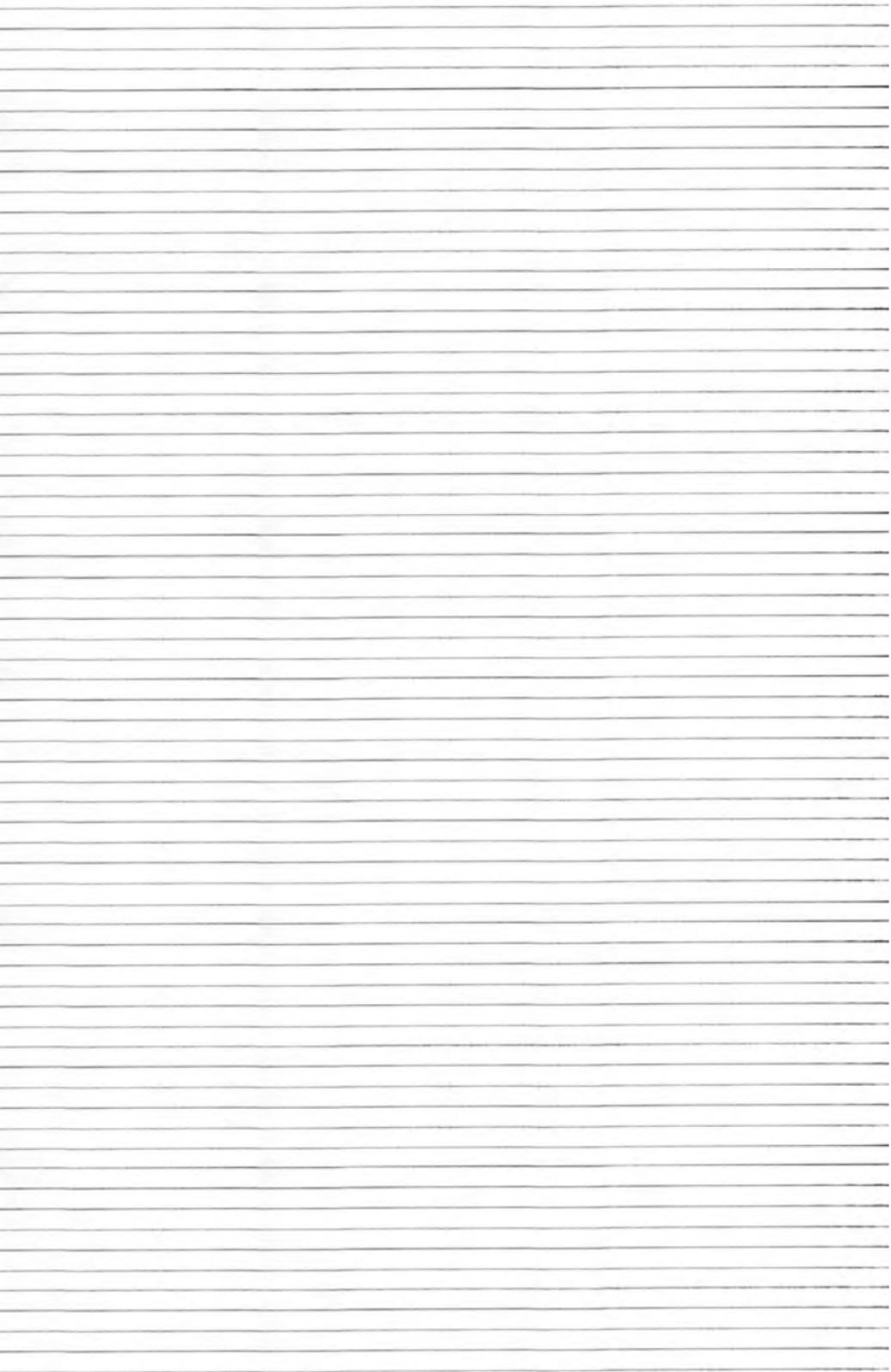
1. Pais e professores. 2. Educação – Participação dos pais. 3. Educação afetiva. 4. Lar e escola. 5. Pais e filhos. I. Título.

20-048

CDD 20. ed. – 371.103

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ter dado vida e saúde, aos que leram os originais desta obra, aos que deram alguma sugestão para a melhoria do texto, aos seus revisores e diagramadores, à PUCPRESS, que resolveu publicá-la.



SUMÁRIO

Agradecimentos | 3

Prefácio | 7

Introdução | 11

Carta 1 - Grandeza e responsabilidade dos pais | 15

Carta 2 - Os pais, os verdadeiros educadores dos filhos | 23

Carta 3 - Em que consiste a verdadeira educação? | 33

Carta 4 - A verdadeira educação dura a vida inteira | 41

Carta 5 - A escola, o prolongamento do lar | 51

Carta 6 - Apoie o estudo dos seus filhos | 63

Carta 7 - Amor, o que mais educa | 71

Carta 8 - Acompanhe as amizades e companhias dos seus filhos | 81

Carta 9 - Tenha paciência, seus filhos irão melhorar | 87

Carta 10 - Ensine seus filhos com seu exemplo | 95

Carta 11 - Busque sempre a felicidade dos seus filhos | 101

Carta 12 - Acredite na capacidade dos seus filhos | 107

Carta 13 - Alimente os sonhos dos seus filhos | 113

Carta 14 - Ensine seus filhos a aproveitar bem o tempo | **119**

Carta 15 - Crie seus filhos com autonomia | **127**

Carta 16 - Cuide do crescimento espiritual de seus filhos | **133**

Carta 17 - Não dê ao dinheiro mais valor do que ele tem | **143**

Carta 18 - Ensine seus filhos a pensar | **151**

Carta 19 - Ensine a seus filhos os verdadeiros valores | **159**

Carta 20 - Eduque seus filhos para o esforço e o trabalho | **165**

Carta 21 - Forme o caráter de seus filhos | **171**

Carta 22 - Organize a sala de estudo de seus filhos | **177**

Carta 23 - Eduque seus filhos com equilíbrio e sabedoria | **183**

Carta 24 - Oriente seus filhos a falar sempre a verdade | **191**

Carta 25 - Forme seus filhos para ser pessoas do bem | **197**

Carta 26 - Vivendo e aprendendo | **205**

Carta 27 - Eduque seus filhos com bons hábitos | **211**

Carta 28 - Ensine seus filhos a usar bem as novas tecnologias | **221**

Carta 29 - Deixe seus filhos escolherem a própria profissão | **229**

Carta 30 - Os perigos que os seus filhos podem correr | **235**

Oração dos pais e protetores | **241**

Obrigações dos pais e protetores | **243**

Direitos dos pais e protetores | **247**

Referências | **251**

Sobre o autor | **271**

PREFÁCIO

A reflexão desenvolvida por Clemente em seu trabalho *Cartas a pais de estudantes e aos responsáveis por quem procura cultivar-se* trata da responsabilidade dos pais na educação de seus filhos e do significado da vida. Ele apresenta temas relevantes como a escola como prolongamento do lar, o amor, o exemplo dos pais, a autonomia dos jovens, o crescimento espiritual, os valores, a formação do caráter, a sabedoria e as novas tecnologias, entre tantos.

A partir de um processo de análise científica rigorosa, o autor consegue integrar teoria e prática a partir do princípio de que “toda a teoria deve ser feita para poder ser posta em prática, e toda a prática deve obedecer a uma teoria. Só os espíritos superficiais desligam a teoria da prática, não olhando que a teoria não é senão uma teoria da prática, e a prática não é senão a prática de uma teoria. Quem não sabe nada dum assunto, e consegue alguma coisa nele por sorte ou acaso, chama ‘teórico’ a quem sabe mais, e, por igual acaso, consegue menos. Quem sabe, mas não sabe aplicar – isto é, quem

afinal não sabe, porque não saber aplicar é uma maneira de não saber –, tem rancor a quem aplica por instinto, isto é, sem saber que realmente sabe. Mas, em ambos os casos, para o homem são de espírito e equilibrado de inteligência, há uma separação abusiva. Na vida superior a teoria e a prática completam-se. Foram feitas uma para a outra” (PESSOA, 1926, p. 32).

A educação escolar tem como núcleo a relação pedagógica em que a ação do formador passa a ser decisiva. Entretanto, a agência formadora não se limita aos professores, mas a todas as pessoas que agem no interior do sistema. Afinal, todos educam e são educados, na escola e na vida. Mas nem sempre as pessoas correspondem à missão ou à atribuição formal que cada uma assume. Desse modo, os pais educam ou deseducam, bem como se deixam educar ou deseducar pelos filhos, tanto quanto os mestres pelos discípulos e os diretores por aqueles que eles dirigem, sem com isso anular as diferenças. Com frequência “ocorrem encontros ocasionais que se transformam em eventos educativos ‘transformadores’ e de excepcional valor, enquanto certas presenças ‘educativas’ não raro mostram-se inúteis ou mesmo danosas” (IMODA, 2019).

Clemente destaca aqui uma recomendação do papa Francisco que, em audiência geral de 20 de maio de 2015, disse aos pais: “Chegou a hora de os pais voltarem de seu exílio – porque se exilaram da educação dos próprios filhos – e recuperarem suas funções

educativas, apropriando-se de seus papéis insubstituíveis. E isso só pode ser feito com amor, ternura e paciência”.

A esse respeito, a pesquisa “Atitudes pela Educação” divulgada em 2014 pelo Movimento Todos Pela Educação mostrou que apenas 12% dos pais estão realmente comprometidos com a vida escolar das crianças e jovens (NEVES, 2017).

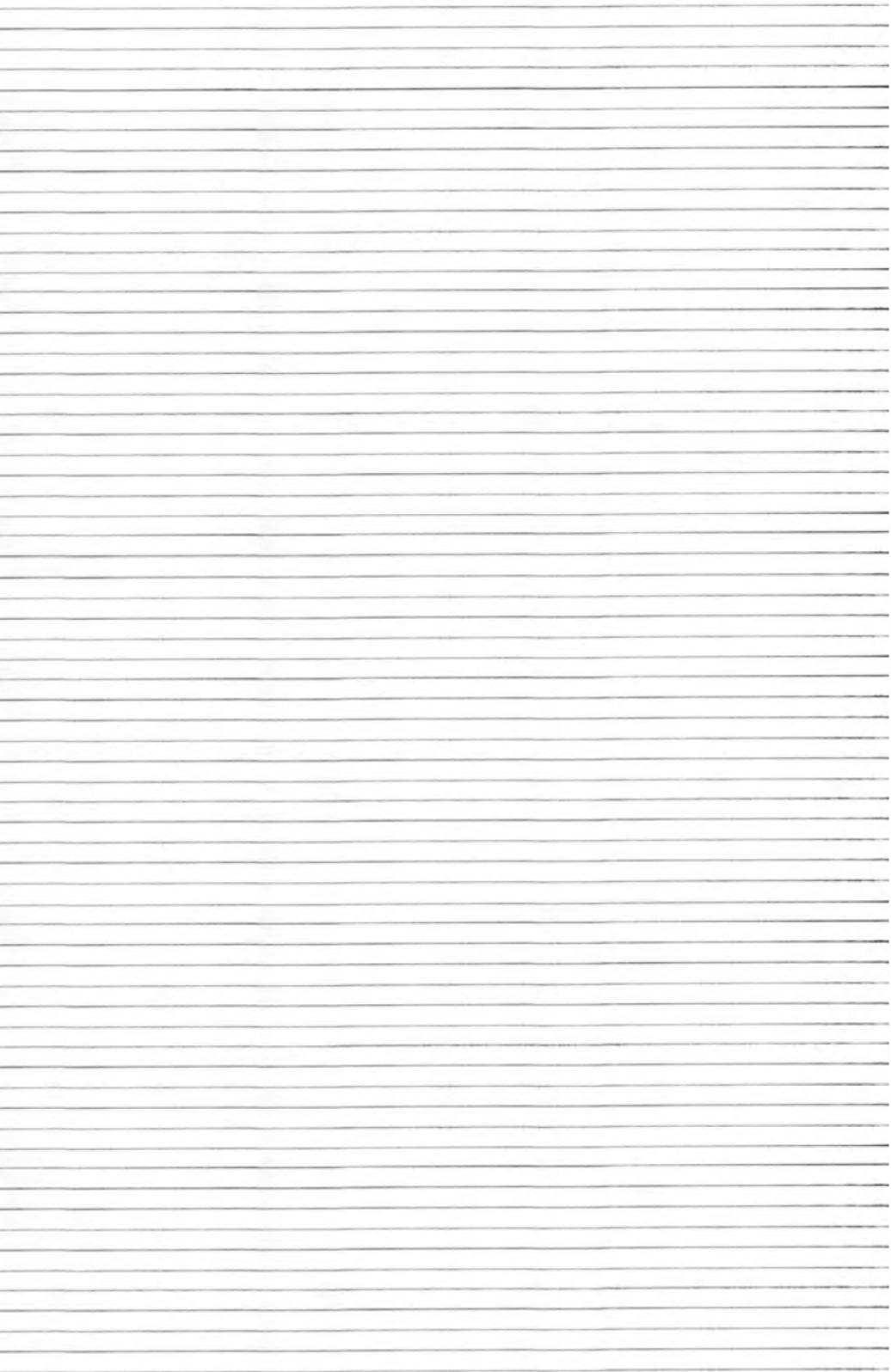
Vale considerar aqui a exortação do autor ao mencionar os riscos que os filhos correm ao adotarem comportamentos perigosos, como drogar-se, beber, fumar, dirigir sem documento e trocar o dia pela noite em festas.

Essa situação é ainda mais preocupante diante dos resultados dos Indicadores Sociais do IBGE, de 2014 para 2015, que mostram que o percentual de jovens que não estudam nem trabalham (os jovens “nem-nem”) aumentou de 20% para 22,5%.

Por fim, a riqueza do referencial teórico e prático, o rigor investigativo, a experiência envolvente de vida e o humanismo do trabalho desenvolvido por Clemente oferecem uma clareza e uma simplicidade motivadoras a partir de questões cruciais sobre a responsabilidade dos pais na educação de seus filhos e a função da escola.

A competência aqui utilizada é denominada “discernimento”, servindo para avaliar com bom senso, tino e clareza; critério, escolha, fundamento e reflexão. É tal competência que Clemente emprega neste trabalho.

Ricardo Tescarolo



INTRODUÇÃO

Escrever um livro não é coisa fácil. Parece que ele nunca fica pronto. No final, a gente acaba mesmo desistindo. Comigo é assim. E parece não ser só isso. O poeta alemão Goethe ainda diz: “o escritor só começa a escrever o livro. O leitor o termina”. É desse jeito mesmo.

Escrevi esse livro pensando nos pais dos estudantes e responsáveis por quem busca aprimorar-se. Pretendi com isso ajudá-los a educar seus filhos e protegidos. Imaginem que pretensão! E só tomei esta pretensiosa decisão por influência dos professores. Foi após muitas palestras feitas aos professores, sobretudo depois que escrevi os livros *Cartas a estudantes* e *Cartas a professores*, que fui convencido a escrever também aos pais.

Muitos professores me diziam que alguns pais não acompanham o estudo de seus filhos em casa. Entregam o filho à escola para que ela cuide de toda a sua educação. Concordo com os professores, pois não é bem assim que deve ser. Na realidade, os pais são os primeiros educadores de seus filhos e possuem um

papel insubstituível nessa tarefa essencial. Os professores e a escola são apenas seus auxiliares. O que se nota, porém, é que, de forma crescente, os pais estão delegando às escolas a obrigação total de educar seus filhos. Muito mais até do que deveriam. O papa Francisco, em audiência geral de 20 de maio de 2015, recomenda aos pais não se exilarem da educação dos seus filhos, uma vez que a educação já começa no berço. “E isto só pode ser feito com amor, ternura e paciência”, afirma. Na realidade, serão os filhos que darão continuidade aos pais, quando estes tiverem partido. Acontece assim tanto nas famílias quanto na sociedade.

A verdadeira educação tem dois objetivos principais: desenvolver conhecimentos e formar o caráter das pessoas. O primeiro objetivo fica mais por conta da escola, que possui também parte do segundo. Mas a essência do segundo fica por conta da família em casa, apesar de nenhuma escola de qualidade poder furtar-se neste importante dever. O estudante precisa levar à escola os valores e os bons princípios de comportamento já adquiridos em casa. Pais e professores continuam, no meu entender, a cultivá-los também depois, mas sempre em conjunto, naturalmente.

Concordo que a parte principal dos conteúdos deva ser desenvolvida mais pela escola; porém, não com exclusividade. Isso até porque muitos conteúdos, sobretudo aqueles que preparam para o exercício profissional, hoje em dia, são bem diferentes do que se aprendeu no passado. Além do mais, há que

se considerar que nem sempre a profissão dos pais é replicada pelos filhos.

Neste livro, ao lado do que eu penso, coloco pensamentos e opiniões de especialistas e de autores que entendem e apreciam a educação, por considerá-la algo muito importante na vida de qualquer pessoa. Posso apenas o mérito de havê-los escolhido. Os conselhos que dou, eu os desenvolvi ao longo de vários anos como professor e gestor de escola no contato com estudantes, professores e pais. Tenho consciência de que, por vezes, eles não concordam com o que se propaga na mídia e se espalha na sociedade que puxa para um lado diferente. Hoje em dia, há muita informação sobre a criação e educação dos filhos e isso, vez por outra, pode até confundir nossas cabeças.

Sei também que uma boa história é sempre um bom *marketing*. Por isso, escrevo, ao final das cartas, algum exemplo ou historieta. Sei que isso ajuda bastante a gravar qualquer assunto. Muitas vezes, o assunto é esquecido, mas a historinha é lembrada e, com ela, sempre vem a mensagem que traz.

A educação de hoje não pode ser muito limitada à influência da escola, e o papel dos pais no êxito escolar dos filhos é cada vez mais importante. Sabemos que hoje não é fácil educar os filhos. Concordo também com o escritor Zig Ziglar, que chegou à seguinte conclusão: “Formar bem os filhos é simples... mas não fácil”. Mas como isso é importante!

São muitas e fortes as influências da rua, da sociedade, dos meios de comunicação e dos colegas. Entretanto, a função principal dos pais, enquanto pais, é exatamente essa: educar bem seus filhos. Não é correto nem oportuno delegar essa função a outrem, nem mesmo à escola. Concordamos ser fundamental acompanhar o que ela faz, isso sim: saber o sistema que adota, o que seus filhos estão estudando e como estão aprendendo. Mas educar bem um filho não consiste apenas nisso.

Não adianta procurar o colégio para conversar somente quando o filho vai mal, quando cometeu alguma falta, quando os pais são chamados ou quando o filho foi reprovado no final do ano. É preciso acompanhar sempre o que ele faz na escola, não só quando vai mal, mas todo o tempo. Também quando vai bem.

As traduções que se fizeram necessárias nesta publicação, sobretudo a partir do inglês, do espanhol, do francês e do italiano, foram feitas pelo próprio autor, que assume eventuais falhas.

Esse livro se endereça não somente a pais, mas também a todos os que se intitulam educadores. A leitura dessas cartas, necessariamente, não precisa ser feita na ordem em que estas são apresentadas.

● autor.

Carta 1

GRANDEZA E RESPONSABILIDADE DOS PAIS

Mas o que pode ser maior do que ter filhos?

Qual experiência pode ser superior a essa?

Nenhuma.

Gustavo Kuerten¹

Prezados pais,

Não é à toa que muitos casais resolvem não ter filhos. Outros, no entanto, resolvem tê-los. Consideram os filhos seu prolongamento neste mundo. Os filhos, naturalmente, são sempre o fruto do amor entre os pais. Colocamos na epígrafe desta carta um pensamento de Gustavo Kuerten – o nosso Guga, três vezes campeão mundial de tênis em Roland Garros, França; seu pensamento demonstra quanto a experiência de ser pai ou de ser mãe representa na vida de uma pessoa. Ser pai ou ser mãe de alguém

¹ *Veja*. São Paulo, n. 2533, 7 jun. 2017.

realmente enche a vida de quem possui tal dádiva. Basta ver quanto amor os pais dedicam aos filhos. Por eles, são capazes de fazer qualquer sacrifício.

Antes de mais nada, é preciso não esquecer que os pais que criam filhos também são os auxiliares de Deus. Deus quis servir-se dos pais para o seu trabalho de criação da humanidade, atividade que ainda prossegue, por não estar completa. A frase escrita no livro do Gênesis é muito significativa: “Deus abençoou Noé e seus filhos, e disse-lhes: sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra” (Gn 9,1). É uma grande bênção ter a compreensão da maternidade e da paternidade e entender a sua grandeza. As mães e os pais, em contrapartida a esse grande dom, têm a obrigação de ser os educadores dos filhos que põem no mundo. Este é seu grande dever: educar os filhos e dar-lhes a compreensão do princípio divino que existe dentro deles.

Os pais,² em sua absoluta maioria, têm um grande amor por seus filhos. Nisso, eles imitam a Deus, que sempre busca o bem de todas as suas criaturas. É o que diz Mateus em seu evangelho, ao citar as palavras de Jesus: “Assim, pois, todo o mestre da lei, que se torna discípulo do Reino dos Céus, é como um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e velhas” (Mt 13,52). Examinado o comportamento dos pais, vemos que isto é bem verdade.

² Quando falar de pais (no gênero masculino), refiro-me a pais e mães, como acontece no entendimento geral.

Os pais sempre desejam educar bem seus filhos, mas muitos não sabem como fazê-lo. Por mais que se esforcem, percebem que não conseguem fazê-lo sozinhos. Naturalmente, fazem o melhor que podem. Às vezes, porém, boa vontade não é suficiente. Acontece, em consequência, que as crianças nem sempre crescem bem-educadas. Infelizmente, essa situação não é tão rara assim nos dias de hoje.

Para que os filhos possam e saibam como viver melhor na sociedade, eles, necessariamente, precisam receber uma boa educação. Esta é uma tarefa dupla do lar e da escola. Entre outras coisas, os filhos precisam aprender os valores democráticos, as atitudes de respeito à opinião dos demais, a colaboração com as boas iniciativas sociais e a valorização da cultura, da arte e do esporte. É importante, igualmente, educá-los para o uso responsável das novas tecnologias.

Os filhos obedientes que seguem as orientações dos pais constituem o orgulho e a felicidade deles. Alguns, porém, nem sempre se mostram bons filhos. Existem aqueles que não apreciam os estudos, abandonam a escola ou vão mal nela e até são reprovados, ou mesmo desistem de estudar. Outros preferem as diversões da rua, frequentam más companhias e até se desencaminham. Estes constituem um sofrimento constante para seus pais, que não sabem mais o que fazer com eles. Sem sucesso, tentam trazê-los de volta ao bom caminho. Alguns pais tendem a fazer com os filhos o que os seus próprios pais fizeram com

eles, sobretudo quando acertaram. Agora, porém, os tempos são outros. É conveniente atualizar-se para poder acertar.

O relacionamento entre pais e filhos e entre colegas de escola terá influência marcante na vida das pessoas por toda a vida. O relacionamento com alguns colegas será muito importante, principalmente durante o período da adolescência.

Uma coisa é certa: entre as crianças que vão bem na escola, sempre estão aquelas cujos pais, no lar, se envolvem em seu acompanhamento. É, pois, normal e importante que os pais saibam como vão seus filhos e, assim, possam contribuir para conectar esses dois mundos que exercem grande influência sobre as crianças: a família e a escola.

São os pais que deram origem natural aos filhos. São eles os autores desses novos seres, razão pela qual recai sobre eles a responsabilidade sobre essas pessoas. Essa obrigação torna-se maior enquanto seus rebentos são ainda pequenos e incapazes de tomar decisões por conta própria. O matrimônio possui, então, como um de seus fins a procriação e, por decorrência, a educação dos filhos. Essa é uma responsabilidade inquestionável. Os pais não podem de jeito nenhum se omitir quanto a isso. Daí a sua tarefa educativa ser um dever natural irrefutável. Sem dúvida, a paternidade e a maternidade são uma belíssima e permanente missão. Ela pode mudar de forma, mas não de fundo, à medida que os filhos crescem.

A maternidade e a paternidade contribuem até para curar a cegueira moral de alguns adultos. Muitos pais aprendem a lidar com seus costumes, sejam qualidades ou defeitos, no momento em que percebem quanto podem, com seus hábitos, prejudicar ou ajudar o desenvolvimento dos filhos. Ser mãe ou ser pai torna-se, então, um grande desafio moral; aprender a criar bem os filhos torna-se uma enorme responsabilidade.

A experiência de ter filhos até semeia entre os pais novas e poderosas iniciativas para a caridade, a justiça e o idealismo. Naturalmente, os filhos não precisam de pais perfeitos, mas sentem sempre a necessidade da presença de um bom pai e de uma boa mãe em casa. Muitos pais até podem reconhecer que cometeram erros na criação de seus filhos, mas aprenderam com tais erros e, depois, se sentiram melhores. É natural que seja assim. Os filhos entendem bem isso e irão até admirar mais os seus pais por adotarem uma atitude dessas. É sabido que não existe família alguma que possa ostentar um cartaz com os dizeres: “aqui não temos problemas!”.

É importante ser bom filho, independentemente de os pais terem sido bons ou mesmo relapsos. Não foi possível para ninguém escolher os pais que teve. Sabemos, entretanto, que a maioria dos pais capricha e faz o melhor que pode. São Paulo, em sua carta aos Efésios (6,1-4) deixa um conselho aos filhos, ao escrever: “Filhos, obedecei a vossos pais, no Senhor, eis

o que é justo”. Mas, logo em seguida, recomenda aos pais; “E vós, pais, não revolteis os vossos filhos, mas criai-os ministrando-lhes uma educação e conselhos inspirados pelo Senhor”.

Eu não me lembro – e acredito que ninguém também se lembre – de, antes de nascer, ter sido perguntado se queria ter os pais que tive, se queria nascer logo ou esperar mais uns 100 anos, se gostaria de nascer no Brasil ou na Europa, entre os africanos ou entre os indígenas, num castelo ou numa favela, homem ou mulher. A vida, com toda a certeza, é o grande presente que todos recebemos de Deus e de nossos pais. Precisamos, naturalmente, abraçá-la e fazê-la frutificar. Nós a aceitamos como nos chega e realmente não importa se nascemos numa favela, num berço de ouro ou em qualquer outro lugar. Dessa maneira, desaparece toda discriminação possível. Vemos que semelhante comportamento é pura bobagem, pois muito do que somos independeu de nossa escolha. Importante mesmo é como nos formamos e o rumo que tomamos na vida. Isso, sim, depende de nós.

Os pais pobres possuem, igualmente, a mesma grandeza da paternidade e da maternidade que quaisquer outros. Também eles precisam dar boa educação e bom exemplo a seus filhos. É o que nos lembra Cícero, filósofo romano: a melhor coisa que um pobre pode deixar aos filhos é o exemplo de suas virtudes e a herança de suas belas ações. Todos os pais, portanto, sem nenhuma distinção, precisam viver e agir de tal

maneira que seus filhos, ao pensarem em retidão, carinho e integridade, pensem e se lembrem automaticamente dos seus genitores.

O pensador suíço Jean-Jacques Rousseau defendeu a tese de que todas as pessoas nascem boas; é a sociedade que as corrompe. Muitos filhos trazem as maiores alegrias e outros, infelizmente, as maiores decepções para os pais. Quando desencaminhados, se tornam verdadeiros órfãos de pais ainda vivos. A mãe é a mais bela obra de Deus, afirma o escritor português Almeida Garrett. Diz-se mesmo que Deus ama e admira tanto as mães, seres realmente abençoados, que até Ele quis ter uma para si!

Hoje, a riqueza de uma família é aumentada pela presença dos avós. Isso acontece cada vez com maior frequência, à medida que as pessoas estão desfrutando de uma vida mais prolongada. A sabedoria e a prudência dos mais idosos trazem mais equilíbrio à família, pois, pelo que já vivenciaram, acumulam muita experiência, mesmo que pareçam estarem ultrapassados em alguns aspectos – o que é natural, pois nasceram em outros tempos – e, por isso, sejam postos de lado pela sociedade. Eles representam a história viva da família e são os grandes transmissores dos valores familiares. São, na realidade, um exemplo para os mais novos.

Ter um filho representa basicamente receber uma missão e ter uma responsabilidade. A missão é criar o ambiente para que o novo ser cresça e se realize.

A responsabilidade é educá-lo bem. É preciso cuidar bem da terra antes e depois de a semente ser lançada, para que a planta possa crescer e florescer. A grande oportunidade é acertar na vida. Os filhos também recordam aos pais o que eles já foram um dia e os convidam a reaprender a viver.

Para concluir esta carta, conto-lhes um depoimento que encontrei em minhas leituras.

Meu filho melhorou minha vida

"Logo depois que meu filhonasceu, sentei-me ao lado dele por algumas horas", conta James, um pai de 53 anos de idade. "Algo profundo aconteceu então. A imagem que eu tinha de mim mesmo na época era muito ruim. Eu sabia que era egocêntrico e isso não me agradava. Naquele momento, porém, senti muito amor por meu filhoo sabia que tinha muito a lhe dar. Vi que havia recebido um presente fenomenal. De repente percebi que não deveria mais ser egoísta. Eu poderia ser uma pessoa diferente, começando por ser altruísta com ele. E esse não foi apenas um momento intenso que passaria rapidamente. Hoje meus filhosestão na faculdade e sou uma pessoa muito melhor".³

³ WEISSBOURD, R. *Os pais que queremos ser: como pais bem-intencionados podem prejudicar o desenvolvimento moral e emocional dos filhos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 124.

Carta 2

OS PAIS, OS VERDADEIROS EDUCADORES DOS FILHOS

É na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais.

Coelho Neto

Prezados pais,

Os pais são os educadores natos de seus filhos. São eles que sempre exercem a maior influência no direcionamento da vida das crianças. Na educação, as escolas e os professores são apenas seus ajudantes, nada mais. Constatando esse fato, o pedagogo suíço Jean-Jacques Rousseau dizia que um bom pai vale por cem mestres. Acreditem, pois: ninguém conseguirá educar seus filhos melhor do que vocês, pais. O escritor Emerson tinha razão ao dizer: “O que faz as coisas difíceis parecerem fáceis é o educador”.

O conhecido médico brasileiro Içami Tiba, a propósito, nos lembra que “a educação não pode ser relegada somente à escola. O aluno é provisório.

Filho é para sempre”, afirma categórico. De fato, ser pai ou ser mãe é ser pai ou ser mãe para sempre. Nunca se fala de um ex-pai ou de uma ex-mãe. Fala-se, entretanto, de um ex-professor ou de um ex-aluno. Na vida escolar das crianças, o que interessa mesmo aos pais é que entre os estudantes matriculados em qualquer escola está o seu filho.

O futuro de nossa sociedade irá depender da qualidade das crianças de hoje. Federico Mayor Zaragoza, da UNESCO, fez um grande trocadilho: “Nosso futuro não dependerá de qual mundo deixamos a nossos filhos, senão de que filhos deixamos a nosso mundo”. Todos sabemos muito bem que a qualidade de qualquer sociedade depende da qualidade da educação que os seus cidadãos recebem da família e da escola.

A primeira e mais importante lição que os pais podem e devem oferecer e exigir de seus filhos em casa é a lição das boas maneiras, dos bons princípios e do bom comportamento. Notamos também que o bom ou o mau procedimento dos pais influencia bastante, e até determina, o procedimento das crianças, tanto em casa quanto fora dela. O exemplo dos pais valerá depois para a vida inteira dos filhos. Constatando isso, o famoso escritor espanhol Miguel de Cervantes afirma: “Bem ensina quem vive bem”. E o grande escritor português Padre Antônio Vieira complementa: “Não está a felicidade em viver muito, senão em viver bem”.

Por outro lado, percebe-se que se tornar pai não é difícil, difícil mesmo é sê-lo. O mesmo diga-se da

mãe. É fácil também ser mãe. Na maior parte dos casos, basta deixar a natureza agir. Quantas mulheres ficam surpresas quando engravidam. Diz-se até ser mais fácil para os pais terem filhos do que para os filhos terem verdadeiros pais. Em geral, é a falta de empenho dos pais a verdadeira causa de existirem pessoas sem rumo na vida. Não poucas vezes, até encontramos pessoas que consideram seus verdadeiros pais não quem os gerou, mas quem os educou.

Fala-se que o colo da mãe é a primeira sala de aula de uma criança. Por isso, o pensador americano Emerson constata que as pessoas são o que suas mães fizeram delas. Pensando nisso, o político francês Montesquieu até apontou um bom caminho para a educação, ao reconhecer que o melhor método de educação para uma criança é arranjar-lhe uma boa mãe. Não há filho, a não ser que seja desnaturado, que não venere sua própria mãe. Também pudera, recebeu dela tanto carinho e atenção, quando mais necessitava! O mesmo se diga de toda mãe que não ame os filhos que gerou. Afinal, os filhos são o seu prolongamento, são a carne de sua carne.

Alguém bem-educado em casa, com toda a certeza, mais tarde, ao constituir a própria família, irá zelar também para bem educar os seus próprios filhos. Assim, a boa influência da educação familiar se prolonga e pode perpetuar-se. Os espanhóis entenderam bem isso e até forjaram o provérbio: “quando educais o vosso filho, já estais educando o vosso neto”.

A Bíblia está cheia de recomendações aos pais para educarem bem os filhos e cuidarem bem deles. Convém aqui lembrar algumas dessas passagens. O Livro dos Provérbios contém esta preciosa orientação: “Ensina bons hábitos ao jovem, em início de caminhada; ele não os deixará, nem quando envelhecer” (Pv 22,6). No livro do Eclesiástico, aparecem até ameaças aos pais que descuidam de tal obrigação: “Educa teu filho e trabalha para formá-lo, para não teres de sofrer a afronta de uma conduta vergonhosa” (Eclo 30,13). Em outra passagem do mesmo livro se encontra escrito: “Filhos desdenhosos, mal-educados, inflados de orgulho, desonram a nobreza de sua família” (Eclo 22,8). Ainda em outra passagem, os filhos malcriados são comparados a verdadeiros animais: “Cavalo indomado torna-se recalcitrante; da mesma forma, um filho entregue a si mesmo torna-se impossível” (Eclo 30,8).

Os pais têm também por obrigação cuidar do desenvolvimento espiritual de seus filhos. Hoje em dia, esse dever é um tanto descuidado na sociedade. O conhecido médico e escritor indiano radicado nos Estados Unidos, Deepak Chopra, se refere a isso de modo contundente, quando ensina: “A educação mais profunda que você pode dar a seu filho é a educação espiritual”.

Muitas são as maneiras de cuidar e de educar os filhos. O amor que os pais lhes dedicam será sempre muito inventivo. Certamente, descobrirá algum modo eficaz e apropriado de fazê-lo. Uma coisa, porém, é certa: a presença e o acompanhamento constante dos

Este livro contém orientações para os pais e protetores de crianças, jovens ou outras pessoas sobre a educação de seus filhos ou protegidos. Na realidade, recai sobre eles a grande responsabilidade de serem os principais educadores de quem vive sob sua custódia. A escola e os professores são apenas seus ajudantes nesta grandiosa, mas nem sempre fácil, tarefa. O trabalho de educação, quando feito em conjunto no lar e na escola, torna-se fundamental para os futuros cidadãos.

Por meio de 30 cartas, o autor aborda importantes lições aprendidas durante a sua larga experiência como educador. Traz, igualmente, o pensamento de grandes educadores e pensadores que se ocuparam do mesmo tema.

As presentes cartas são também úteis para quem estuda ou trabalha com educação e família.

Clemente Ivo Juliatto

Cartas a colaboradores de escolas



Clemente Ivo Juliatto

Cartas a colaboradores de escolas

 PUCPRESS

Curitiba
2020

©2020, Clemente Ivo Juliatto
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

Editora PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Juliana Almeida

Colpani Ferezin

Revisão: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Ilustração: Rosane Wagner; Elizabeth Wagner

Diagramação: Rafael Matta Carnasciali

Impressão: Reproset Indústria Gráfica

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amissis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

Técnicas de ilustração utilizadas: Tinta nanquim e caneta hidrocor.

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat
Rua Imaculada Conceição, 1155
Prédio da Administração - 6º andar
Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. +55 (41) 3271-1701
pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

J94c Juliatto, Clemente Ivo
2020 Cartas a colaboradores de escolas / Clemente Ivo Juliatto. – Curitiba :
PUCPRESS, 2020.
208 p. ; 21 cm. (Coleção Sabedoria em Cartas, v.4)

Inclui bibliografias
ISBN 978-65-87802-19-0
978-65-87802-26-8 (e-book)

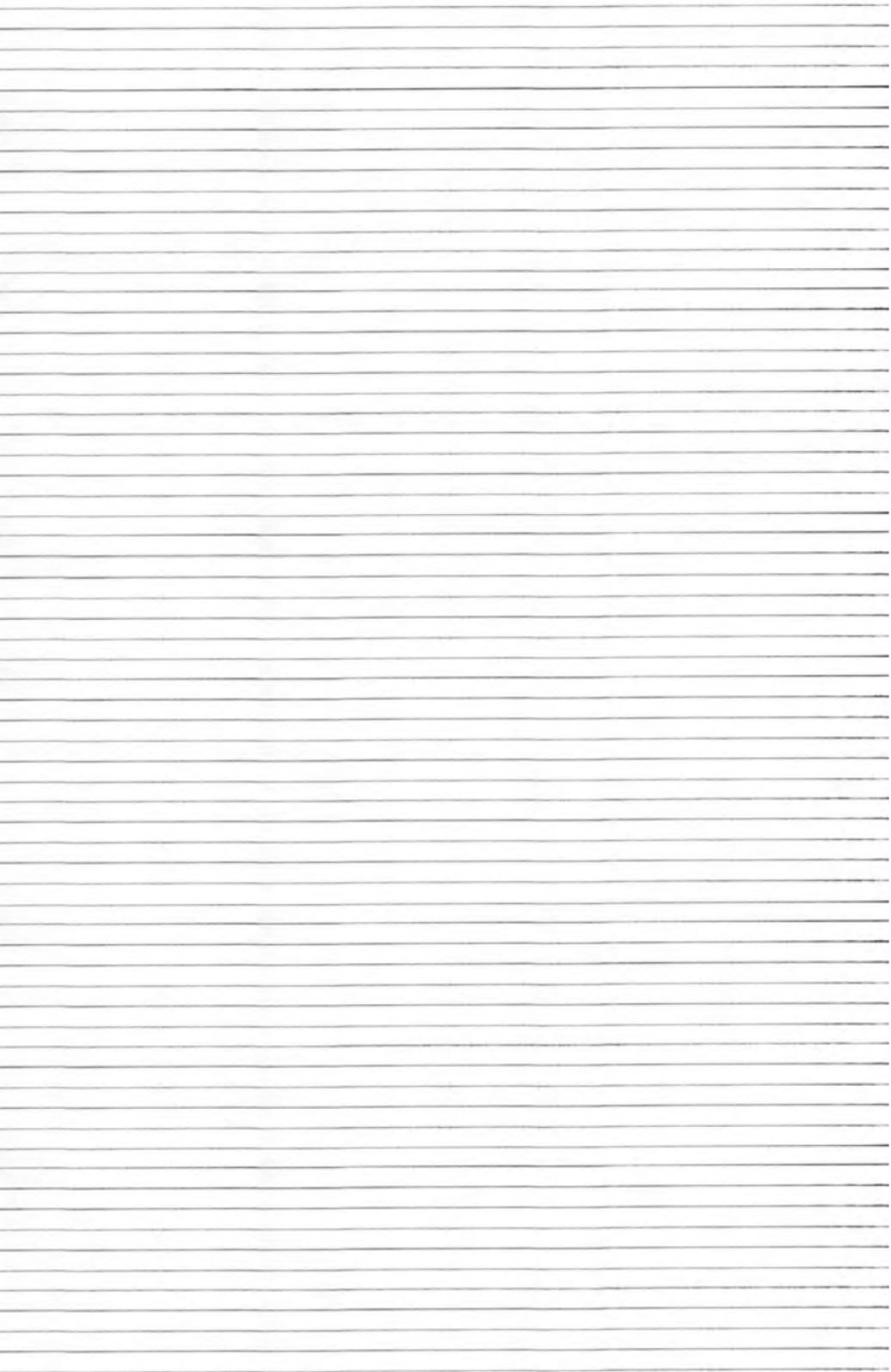
1. Orientação profissional. 2. Escolas – Organização e administração.
3. Educação para o trabalho. 4. Funcionários de escolas – Formação.
5. Trabalhadores – Educação. I. Título.

20-047

CDD 20. ed. – 371.425

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por manter-me vivo e com saúde; a todos quantos leram os originais desta publicação; aos que deram sugestões para a boa apresentação e melhoria deste livro; aos diagramadores; ao autor do Prefácio; à PUCPRESS que resolveu publicar esta obra.



SUMÁRIO

Agradecimentos | 3

Prefácio | 7

Introdução | 11

Carta 1 – Além de colaborador, seja também educador | 13

Carta 2 – Em que consiste a verdadeira educação | 21

Carta 3 – É importante trabalhar numa instituição educacional | 27

Carta 4 – Pratique sua religião | 31

Carta 5 – Respeite a mãe natureza | 37

Carta 6 – Aprimore-se sempre mais | 45

Carta 7 – Trate bem todos os seus clientes | 51

Carta 8 – Quando a instituição precisar, colabore | 59

Carta 9 – O que distingue o bom colaborador | 65

Carta 10 – Fale sempre a verdade | 75

Carta 11 – Cuide bem do material à sua disposição | 83

Carta 12 – Pratique os valores da instituição | 89

Carta 13	– Cuide do setor como se fosse de sua casa	95
Carta 14	– Respeite seus superiores	99
Carta 15	– Não se considere melhor que seus colegas	105
Carta 16	– Seus clientes também podem errar	109
Carta 17	– Oriente seus colegas, quando necessário	115
Carta 18	– Nunca deixe algo errado acontecer	121
Carta 19	– Melhore sempre o seu setor	125
Carta 20	– Não seja ‘reclamão’	131
Carta 21	– Aja sempre com boa educação	135
Carta 22	– Seja sempre uma pessoa confiável e amiga	141
Carta 23	– As vantagens de estar empregado	147
Carta 24	– Colabore quando necessário	153
Carta 25	– Avalie-se continuamente	157
Carta 26	– Aproveite bem seu horário de trabalho	161
Carta 27	– Não se aproveite dos colegas	165
Carta 28	– Não seja ‘puxa-saco’ de ninguém	169
Carta 29	– Esteja ciente de suas obrigações	173
Carta 30	– Uma instituição educacional	177
Oração do colaborador-educador		181
Deveres do colaborador-educador		183
Direitos do colaborador-educador		185
Referências		187
Sobre o autor		207

PREFÁCIO

Começo por colocar o leitor na ponderação do pensamento peregrino de bem conhecido e importante pedagogo nacional: “*Ninguém educa ninguém*”. A primeira impressão pode ser de escândalo e pessimismo, no sentido de que a pedagogia fica totalmente desfigurada e dessorada. Seria destruir a filosofia dos dois maiores modificadores da cultura humana: *o mestre* e *o aluno*. O dedo do *Homo sapiens* primitivo apontava a Lua, ao passo que o descendente dele, após 1969, usa o dedo e a mão para passar a segunda marcha no jipe astronáutico, para deslocar-se na superfície da Lua, na busca de modestos cascalhos que, retornados à Terra, vão ser guardados no museu, para ulterior estudo, ensino e pesquisa dos homens, *mestres* e *alunos* do futuro. Quem permitiu tamanha diferença do trabalho da mão e do dedo do *Homo sapiens*? A formidanda diferença deles foi efetivada pelos dois maiores revolucionários da espécie: *o mestre* e *o aluno*. A frase provocadora é poética em sumo grau; ela visa à compreensão de profundidade, para confirmar a aprendizagem, condenação sem fim do mestre

e aluno da humanidade de sempre. Tal aprendizagem de subido preço só pode ser de incorrigível proficiência, se for levada a cabo pela dupla *mestre* e *aluno*, mas somente quando eles se olham com empatia e interesse, ambos sintonizados para bem apreciar os dados do problema e buscar a solução. Ambos estão energizados para conseguir o resultado que permite assegurar a diferença entre as temáticas desafiadoras e a consequência feliz do passo correto, que vai permitir o humilde avanço de outros infintos avanços do disparado dominó intemporal desenvolvimento humano.

Colha-se a oportunidade agora do briguento desafio contrário: “*Todos a todos educam e ensinam*”. A provocação, pois, não parece menor. Na sala, no pátio da escola ou no longo e bem orientado passeio, os dois teimosos revolucionários em tela, *mestre* e *aluno*, de modo diverso, podem continuar o seu afazer interminável e profissional, até mesmo com maior interesse e talvez com maior efeito e inspiração, porque a descontração de um e outro vai permitir gestos diferentes de curso e discurso, de empatia e simpatia muito mais pessoalizadas. A briga e tentativa perpétua de *erro* e *acerto* podem adensar ou multiplicar o alimento do espírito, ao catalisar melhor arranjo das temáticas com que se logrem novos avanços, novas luzes, isto é, novas e mais corretas convicções do contraditório panorama desses *erros* e *acertos*. Não falta sequer, em termos de ensino e aprendizagem, os sinais do tempo; mas nunca se esqueçam os sinais algébricos *mais* e *menos*, vale

dizer, o sim e o não, o bem e o mal. O *mestre* e o *aluno* são imperfeitos; todo o homem é imperfeito. O poeta moderno português Fernando Pessoa ousou escrever: “A *perfeição é inumana*”, o que comporta nítido e generoso repto. A aprendizagem e o ensino podem sofrer desvios maiores e menores; podem conhecer retornos felizes e infelizes, no curso e no discurso, como na ação e na omissão. O calendário da vida avança fatal, sempre e no rumo único da frente.

Como o homem é mortal, o decisivo é o fim, porque o fim coroa a obra, *finis opus coronat*. Ocorre que o homem é infundamente mais *imortal que mortal*, em termos bíblicos, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento. O espírito humano não morre. Em sumário grosseiro, o bom ladrão mudou revolucionariamente o seu sinal algébrico *menos*, que foi urgentemente corrigido para *mais* pelo aproveitamento pressuroso do fim, com que conseguiu coroar a obra da sua penosa vida, plenificada e santificada pela graça. Ele soube utilizar bem os derradeiros e decisivos instantes. Ele admoestou caridosamente o velho colega de culpa. Teve a inspiração de bem valorizar o Autor da graça, o Filho do Homem Jesus, colega de todo diferente. No duro sofrer da cruz, valeu-se da sua consciência e da sua liberdade, para a mudança estratégica, em face do grande exemplo, que o ensinava pela heroica paciência e luz transcendente. O Mestre era perfeito por ser o Deus Humanado. O ladrão era grave e confessamente imperfeito. A sua conversão, porém, foi perfeita; mudou o sinal algébrico da sua triste profissão.

Com o influxo da graça, formulou singelo pedido a quem tudo podia; veterano e egrégio profissional, teve a surpresa apocalíptica de haver roubado o paraíso.

O modesto funcionário do estabelecimento escolar exerce variegadas atividades, em geral fora do ensino acadêmico ou científico do mestre tarimbado. Ainda assim, retome-se a segunda filosofia, que se insere na seguinte provocação: *“Todos a todos educam e ensinam”*. O operoso e dedicado funcionário pode ensinar pelo exemplo, pontualidade, responsabilidade, caridade, sobretudo cumprindo bem e criteriosamente as ordens da administração. Ele pode concorrer com o ensino e com a educação formal, porque a sua função implica também ensino, educação e responsabilidade. O clássico *aprender a aprender* atinge qualquer setor para o funcionário de carreira: na secretaria, no pátio, na cantina, no começo e no fim do recreio, de modo que sobram oportunidades de ensinar o múltiplice *aprender a aprender*. O universitário, segundo o professor Clemente Ivo Juliatto, como reitor e escritor de uma vintena de livros, preconiza sempre que qualquer universitário tem o direito e o dever de se diplomar em dois simultâneos comprometimentos vitalícios: *formando de beca e pessoa de bem*. Como fica o modesto funcionário do estabelecimento? Cuidado, ele também deve dobrar o título profissional vitalício, para tornar-se excelente pessoa no *procedimento e no serviço*.

Prof. Virgílio Josué Balestro

INTRODUÇÃO

Este livro foi pensado como colaboração aos funcionários que trabalham nas escolas e nas instituições educacionais. Foi escrito com muito carinho para aqueles que prestam esse importante serviço na educação. Sabemos que sem o bom serviço de apoio na escola ou numa instituição educacional, toda a educação fica comprometida.

O livro aborda o trabalho dos colaboradores e fala de suas pessoas, de suas atitudes e de suas obrigações e direitos. Traz até uma pequena oração. Pretende demonstrar a importância do que os funcionários realizam e insiste sobre algumas qualidades fundamentais que eles precisam desenvolver e apresentar.

Desse modo, esta publicação visa a contribuir para a formação e educação desses profissionais. Procura fornecer elementos que os ajudem a bem executarem seu trabalho e a se conscientizarem de seu papel fundamental na escola ou na instituição educacional.

Vem relatados alguns episódios vividos ou imaginados para ilustrar o que se escreve. São fatos que

servem de reforço e inspiração ao texto, colocados no final das cartas. O relato de um fato ou de uma pequena história, verídica ou não, sempre traz algo para ensinar. Algumas vezes, são até esquecidas as recomendações feitas no texto, mas não as historinhas. Bem sabemos que, ao serem lembradas, relembram as recomendações feitas.

Ao escrever para este segmento importante dos funcionários ou colaboradores de uma instituição educacional, normalmente esquecido, o autor pretende contribuir e ser útil não só a eles, mas à educação em geral.

Quem escreveu ficará muito satisfeito se as sugestões e recomendações propostas neste desprezioso livrinho forem aplicadas, o que demonstrará a sua pertinência e propriedade. Nesse assunto, muitas coisas já foram pensadas e ditas. Aquelas aqui tratadas, todas ficam no campo do bom senso. Muitas delas são conhecidas e algumas até repetidas porque são importantes.

Pitágoras aconselha algo bem importante a quem escreve: “Cala-te, ou diga coisas que valham mais do que o silêncio”. Sabe-se também que é verdade o que escreveu Shakespeare: “o êxito de um bom dito depende mais do ouvido que o escuta do que da boca que o diz”. Para alegria de quem escreve, ser ouvido é muito bom.

O autor.

Carta 1

ALÉM DE COLABORADOR, SEJA TAMBÉM EDUCADOR

*É uma pena que muitos, podendo tanto,
se atreveram a tão pouco.*

Albert Camus

Prezado professor,

Além de ser colaborador de uma escola, procure no seu trabalho diário ser bem mais do que isso: seja também um educador. Você já sabe o que é educar. Como diz o pensador francês Michel de Montaigne, “educar uma criança não é como encher um vaso, mas como acender uma fogueira”. Montaigne fala de criança, mas você pode pensar em todo o estudante matriculado numa escola, seja criança, seja adulto. Outro pensador francês, Jean Guitton, define estudante como um título que só se perde na tumba. Saiba que isso vale também para você.

Não é à toa que você labuta numa escola. E escola é um lugar de educação, lugar muito especial,

lugar privilegiado mesmo. Isso pode ser afirmado, sem nenhum medo de se estar exagerando. Na realidade, a escola não é uma instituição como as outras. É muito mais. Você escolheu trabalhar numa escola. Certamente, foi porque alguma coisa o chamava para lá. Você queria usar sua vida e seus esforços em favor de algo fundamental e bom para a sociedade. Sem dúvida, não foi somente em vista de fazer um trabalho qualquer, foi por bem mais do que para estar empregado e, assim, ganhar seu dinheirinho no fim do mês.

Aproveite, então, esta chance que você tem, pois muita gente gostaria de possuir o seu emprego, trabalhando numa instituição assim. Também muita gente gostaria de poder dizer à sua família – como você pode – que dedica seus esforços em prol do bem e que está fazendo um trabalho maravilhoso, um dos principais trabalhos que existem na sociedade. Você está usando os seus esforços para melhorar o mundo, contribuindo para ajudar a sociedade a ter, no futuro, um povo mais consciente, mais educado, não apenas para se sustentar e criar uma família, o que já não é pouco, mas para que existam pessoas melhores.

As crianças são como uma *“tabula rasa”*, uma tábua rasa, uma página em branco. Recebem e aceitam tudo o que lhes oferecemos, absorvem as nossas influências tanto para o bem, quanto para o mal. O que lhes for mostrado ou ensinado será aprendido e praticado. É por isso que citamos em nossa 1ª. Carta o pensamento de Victor Hugo: “Quem abre uma escola,

fecha uma prisão”. Tal conclusão sempre foi verdadeira. Era verdadeira no tempo de quem a proferiu e é ainda hoje, em nosso querido Brasil, principalmente.

Em finais de 2017, o famoso maestro paulista João Carlos Martins, que foi um extraordinário intérprete de Johann Sebastian Bach, talvez o maior de todos, teve uma experiência ímpar com presos, que depois contou em artigo de jornal. É bastante conhecida a situação desse maestro, pela qual, no passado, como grande virtuose, viu-se impossibilitado de continuar tocando piano, por problemas ocasionados por uma paralisia em suas mãos. Foi então que começou o seu calvário e, ao mesmo tempo, o seu árduo caminho de superação. Cirurgias, exercícios, fez de tudo quanto estava a seu alcance. Tudo em vão, mas não tanto. Para compensar seu grande amor pela música, resolveu tornar-se maestro. Fundou, em São Paulo, a Orquestra Bachiana Filarmônica e já deu muitos concertos por toda a parte. Tornou-se um exemplo vivo de força de vontade e de superação.

Conta o artista que estava no Complexo Penitenciário de Bangu, no Rio de Janeiro, falando para cerca de 300 detentos, sobre o filme recém-lançado *João, o Maestro*, um documentário sobre sua vida. Enquanto falava, notou a emoção e as lágrimas nos olhos de muitos ouvintes, impressionados com o seu exemplo e coragem em superar a própria deficiência. Deu-se conta, então, de que a educação é fundamental para todo o ser humano. Reconheceu o maestro num artigo, publicado no jornal

Folha de São Paulo: “o maior problema do Brasil chama-se educação, que automaticamente está ligado à cultura”. E se perguntava: “Por que nós não seguimos outros países que têm como objetivo primeiro a educação, resultando numa evolução fantástica como exemplo de nação”.¹

De fato, a educação resolve a questão básica da orientação comportamental humana. A boa escola faz uma diferença enorme na orientação e na vida das pessoas. Os bons princípios, assimilados enquanto criança ou jovem, duram a vida inteira. Você tem o privilégio de estar vinculado a uma escola frequentada por futuros cidadãos. Contribua, então, para a boa formação de todos os alunos!

É ainda Victor Hugo quem nos ensina: “Não há nem más ervas nem pessoas más. Só há maus cultivadores”. Não seja você, de jeito nenhum, um desses maus cultivadores! Aproveite o que você sabe e o passe também aos estudantes. O escritor americano Mark Twain diz: “É nobre ensinar a si mesmo; é mais nobre ensinar aos outros”. Confúcio, grande pensador chinês, complementa: “Se não sabes, aprende; se já sabes, ensina”. A nossa Cora Coralina, famosa poetisa goiana, escreveu: “Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

As crianças e os jovens são o nosso futuro, o futuro do nosso mundo. Procure interessar-se por eles

¹ MARTINS, J. C. *João, o maestro*. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 set. 2017. p. A3.

em casa – se os tiver – no seu bairro, na sua cidade, na sua escola. Cuide bem deles, sempre e com muito carinho, é claro. Assim, você estará ajudando a sociedade e a humanidade, garantindo a existência de um mundo melhor e mais feliz, porque só assim ele terá gente de melhor qualidade. Lembre-se sempre do que disse o fabulista latino Fedro: “Por seres grande, nunca desprezes os pequenos”.

Lembre-se também do que escreveu Paulo Freire, um dos grandes educadores brasileiros: “Todo o educador é educando e todo o educando é educador”. Aproveite o conselho desse educador e aperfeiçoe-se quanto puder.

Certamente, em sua escola, você também conhece algumas crianças ou jovens um tanto difíceis. Eles são assim, ou melhor, se tornaram desse jeito, em geral, após terem experimentado algum mau tratamento. São gente que, na maioria das vezes, gosta de se mostrar desobedientes, de fazer a própria vontade, de contrariar os outros, de demonstrar que estão revoltados e insatisfeitos contra o mundo. São resmungões e grosseiros. Nas salas de aula, esses elementos se juntam e fazem questão de pertencer à “turma do fundão” – aqueles que procuram o fundo da sala, ficam dormindo nas aulas e não estão nem aí com o que fala o professor, por melhor que ele seja.

Colabore você também na recuperação desses desajustados. Há muitos exemplos de recuperação dessa gente, que assim ficou, geralmente, devido a alguma má experiência do passado. O seu bom exemplo de

educação e de boas maneiras em tratá-los bem será fundamental para isso. Você logo perceberá que eles não são tão maus quanto parecem!

Para concluir esta carta, deixe-me contar-lhe o caso de um colaborador exemplar que muito contribuiu para o bom resultado de sua escola. Trata-se de Francisco Gárate.

Francisco Gárate

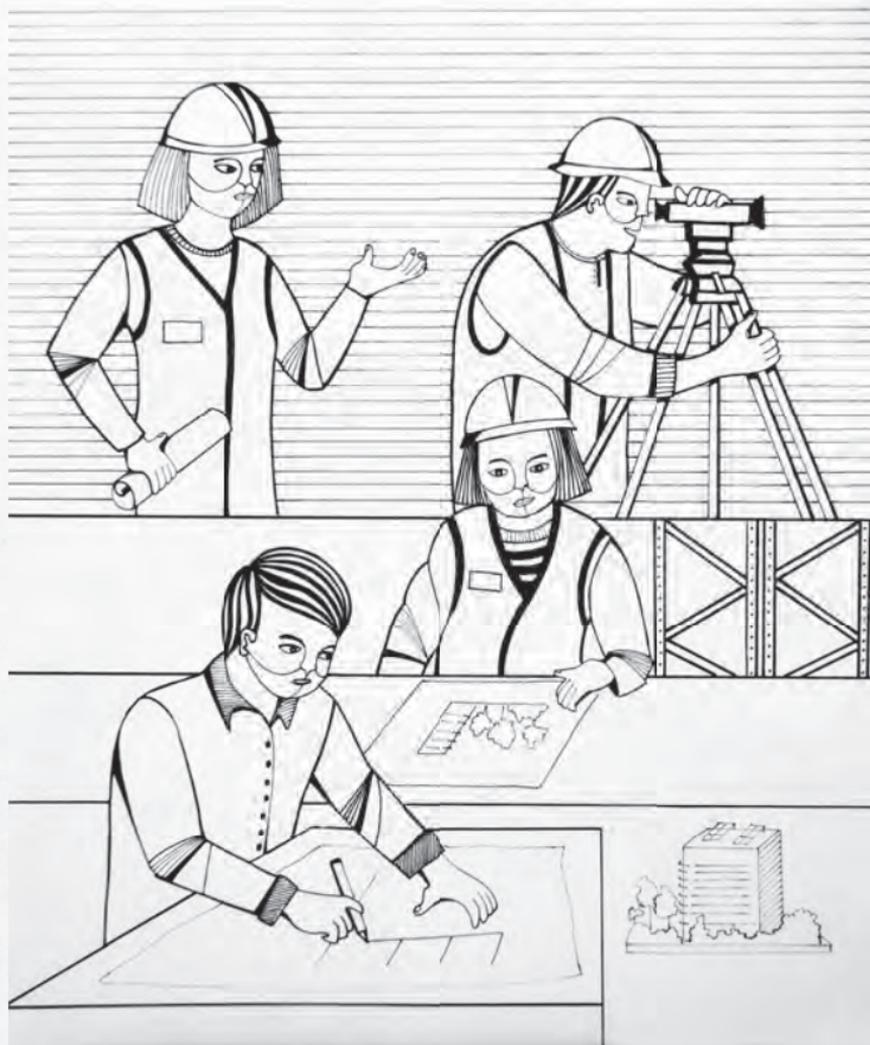
Ele foi porteiro durante 41 anos de uma escola da Espanha. Trabalhou na Universidade de Deusto, em Bilbao, no País Basco. Viveu de 1857 a 1929.

Tratava com muita cortesia tanto professores quanto estudantes que, obrigatoriamente, passavam pela portaria, o caminho natural de ingresso naquela universidade. Cumprimentava a todos com um sorriso nos lábios e se interessava por eles.

Como consequência, era até notório; quando algum estudante, professor ou funcionário desejava conversar sobre alguma questão pessoal - porque tinha algum problema, ou por qualquer outra razão - não ia procurar um psicólogo, nem um maioral da universidade. Vinha procurar Francisco Gárate, que sempre tinha alguma palavra simples, mas apropriada e de boa orientação.

Sua fama tornou-se tão grande, que até o Vaticano, em Roma, o declarou bem-aventurado.

Em sua escola, seja como Francisco Gárate! Ajude a quantos estudantes você pode com um gesto ou uma palavra de incentivo ou de compreensão. Distribua, então, sem fazer muito alarde, amor e compreensão a todos os que se achegam a você. Lembre-se sempre de que em suas mãos está uma parcela importante do futuro da sociedade.



Este livro contém orientações para a educação e o trabalho dos funcionários ou colaboradores das escolas. Todos eles, sem exceção, são também educadores. Todos ajudam a escola, no setor onde trabalham, no grande propósito de educar, pois suas atitudes e seu desempenho também influenciamos estudantes. O trabalho de educação, quando feito em sintonia por todos os setores da instituição, torna-se eficaz para os estudantes.

Por meio de 30 cartas, o autor aborda importantes lições aprendidas durante a sua larga experiência como educador. Traz, igualmente, pensamentos de bons especialistas que se ocuparam do assunto.

Estas cartas são úteis também para quem estuda ou trabalha com educação. Elas não precisam ser lidas na ordem proposta.

Clemente Ivo Juliatto

Cartas a gestores de escola

e a coordenadores educacionais



Clemente Ivo Juliatto

Cartas a gestores de escola

e a coordenadores
educacionais

 PUCPRESS

Curitiba
2020

©2020, Clemente Ivo Juliatto
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

Editora Universitária Champagnat

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Revisão: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Ilustração: Rosane Wagner; Elizabeth Wagner

Diagramação: Indianara de Barros

Impressão: Reproset Indústria Gráfica

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amassis Amorim

Eduardo Damiano da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimaraes Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

Técnicas de ilustração utilizadas: Tinta nanquim e caneta hidrocor.

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat
Rua Imaculada Conceição, 1155
Prédio da Administração - 6º andar
Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. +55 (41) 3271-1701
pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

J94c Juliatto, Clemente Ivo
2020 Cartas a gestores de escola e a coordenadores educacionais / Clemente Ivo Juliatto. –
Curitiba : PUCPRESS, 2020.
256 p. ; 21 cm. (Coleção Sabedoria em Cartas, v.5)

Inclui bibliografias
ISBN 978-65-87802-20-6
978-65-87802-24-4 (E-book)

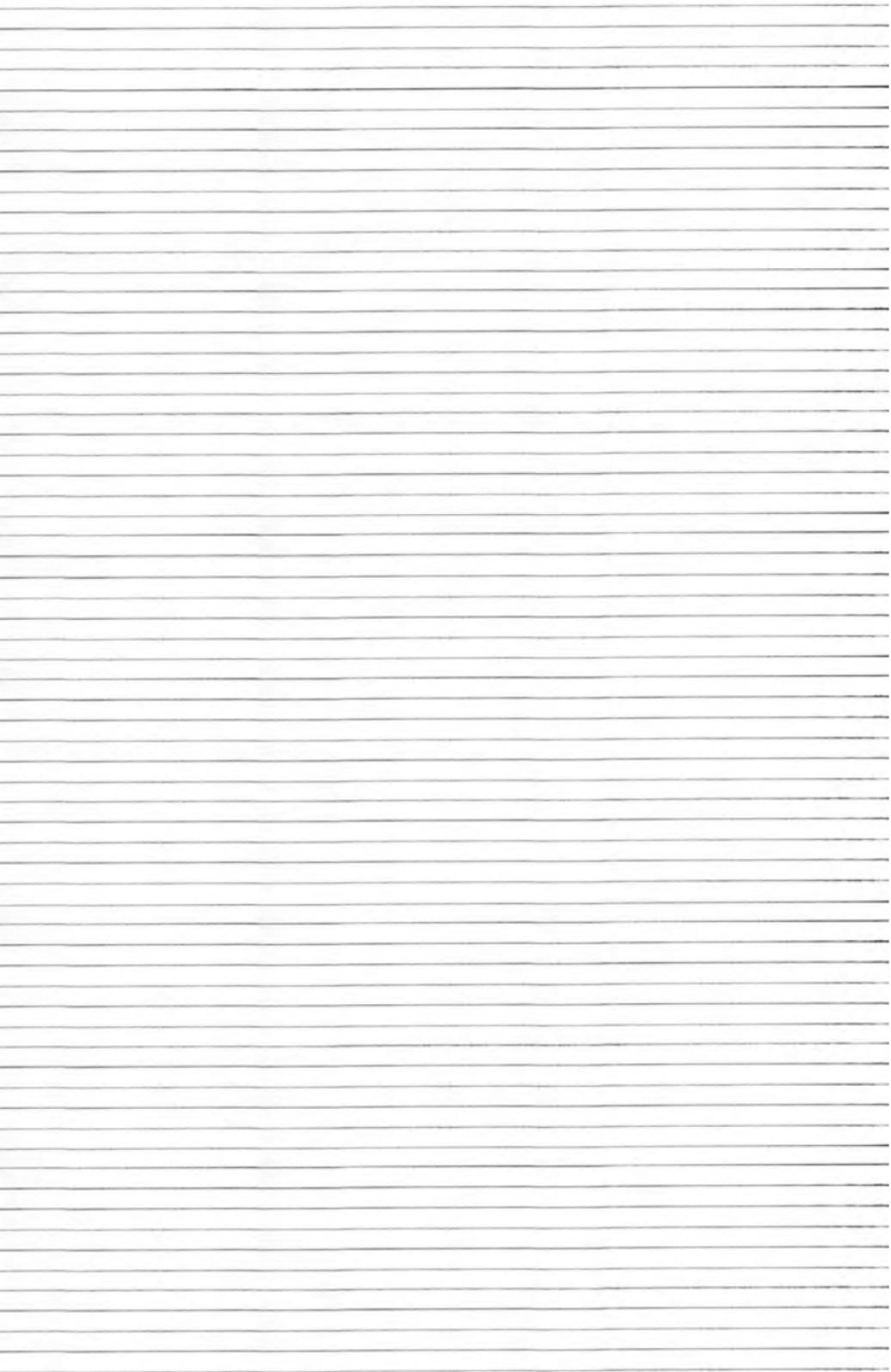
1. Planejamento educacional. 2. Educação – Estudo e ensino. 3. Escolas – Organização e administração. 4. Gestor escolar – Formação. 5. Diretores escolares. I. Título.

20-046

CDD 20. ed. – 371.207

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiro, a Deus, por manter-me com saúde; fico grato também ao autor do prefácio; a todos quantos leram os originais desta publicação ou deram sugestões visando à sua boa apresentação e melhoria; aos diagramadores desta obra e à PUCPRESS que resolveu publicá-la.



SUMÁRIO

Agradecimentos | 3

Prefácio | 7

Introdução | 11

Carta 1 - Seja uma pessoa centrada | 15

Carta 2 - Cuide bem da instituição | 25

Carta 3 - Além de gestor, seja educador | 33

Carta 4 - O nosso mundo evolui | 45

Carta 5 - Integre as muitas dimensões que interessam | 49

Carta 6 - Cultive os valores institucionais | 55

Carta 7 - Seu trabalho é um serviço | 61

Carta 8 - Eduque para a espiritualidade | 69

Carta 9 - Eduque para o humanismo solidário | 81

Carta 10 - Lidere o projeto de pastoral escolar | 91

Carta 11 - A religião é fundamental em sua vida | 99

Carta 12 - Cuide do fascínio do poder | 109

Carta 13 - Não dê ao dinheiro mais valor do que ele tem | 115

Carta 14 - Cuide dos professores e coordenadores | 121

Carta 15	- Fomente a mudança		127
Carta 16	- Tempo de aula é tempo de trabalho		133
Carta 17	- Promova a avaliação		139
Carta 18	- Procure melhorar os alunos malandros		145
Carta 19	- O exemplo é o que mais educa		151
Carta 20	- Relacione-se bem com as famílias		155
Carta 21	- Exija de todos o cumprimento do dever		159
Carta 22	- Monitore os resultados de sua instituição		165
Carta 23	- Garanta boa experiência a seus clientes		169
Carta 24	- Cuide de sua comunicação		177
Carta 25	- Forme à boa leitura		181
Carta 26	- Doe prêmios aos melhores desempenhos		189
Carta 27	- A sabedoria vale mais que a ciência		193
Carta 28	- Há gênios em sua instituição		201
Carta 29	- Lute sempre pela verdade		205
Carta 30	- Envolve a instituição em campanhas beneficentes		211
Quando...			219
Qual é?...			223
Oração do dirigente-educador			225
Obrigações do dirigente-educador			227
Direitos do dirigente-educador			231
Referências			233
Sobre o autor			255

PREFÁCIO

Na era da existência transformada em efemeridade, em que sentimentos de fragilidade e incerteza dominam as esferas da vida afetiva e social, é preciso aprender a andar sobre a areia movediça. Isso é o que nos ensina o sociólogo polonês Zygmunt Bauman.

Referindo-se à tarefa de gerir instituições educacionais, este aprendizado deve ser contínuo e durar a vida toda. Se tal tarefa é exigente para o conjunto dos gestores, muito mais o será para aqueles que estão à frente de escolas confessionais, e que todos os dias se veem diante de questões complexas sobre as quais precisam tomar decisões, com profundo impacto na vida das pessoas.

No conjunto das 30 cartas aos gestores educacionais, Clemente aborda importantes lições aprendidas durante a sua vivência como gestor e líder de pessoas em instituições de educação básica e superior. Ao longo das mensagens, o autor vai do conhecimento científico à sabedoria popular, para comunicar suas convicções acerca de temas importantes às instituições confessionais.

Assim como se espera que uma escola católica vá além da transmissão de conteúdos aos seus alunos, também se deseja que as atitudes dos seus gestores, além de conhecimento administrativo, testemunhem os valores cristãos. Nessa perspectiva, o autor destaca o autoconhecimento, alicerçado por uma espiritualidade autêntica, como ingrediente fundamental da liderança cristã. Ninguém será líder de outras pessoas se, primeiramente, não o for de si mesmo.

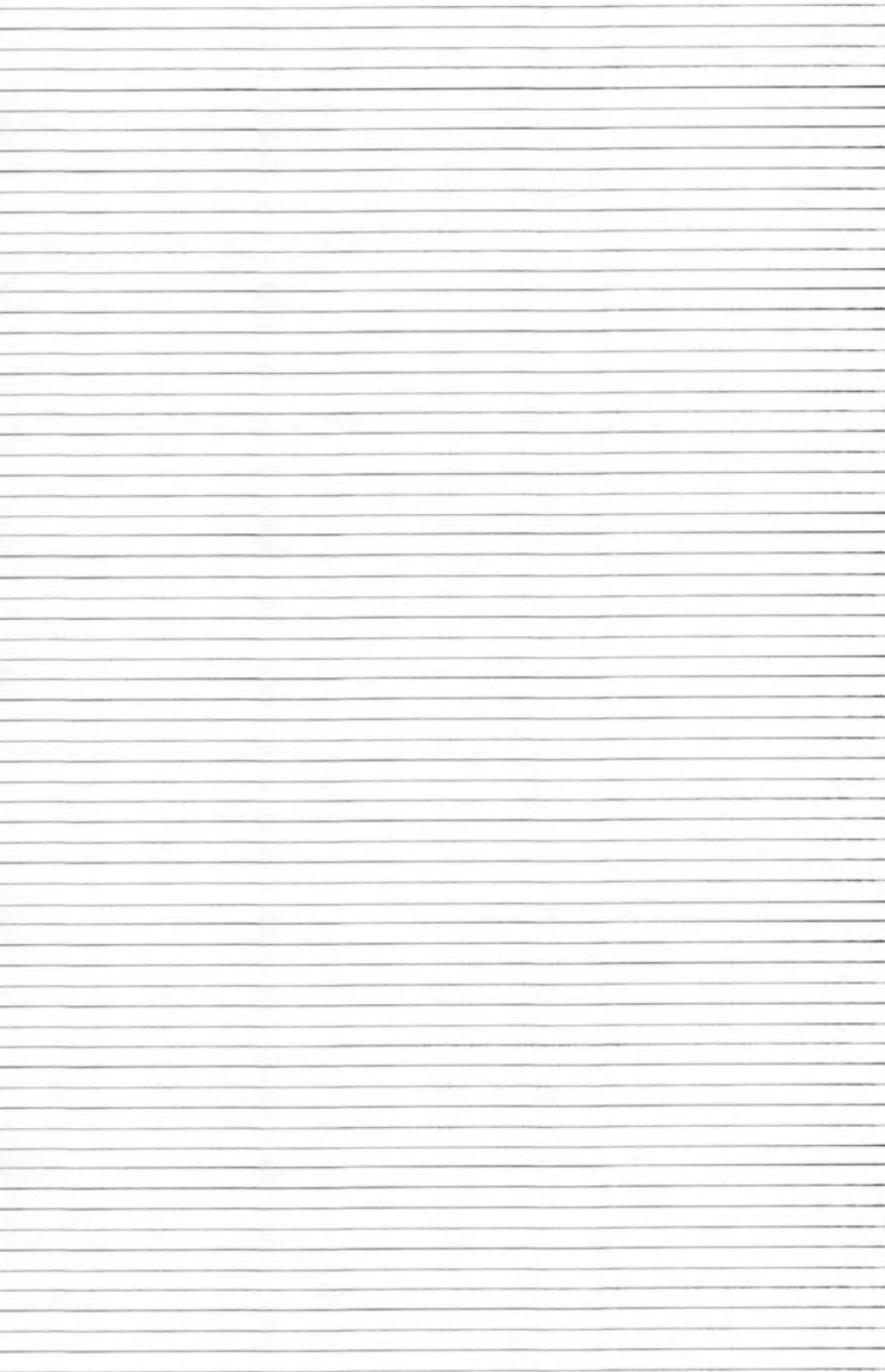
Numa sociedade mercadológica, que enfatiza a primazia do espetáculo e da técnica, Clemente defende o humanismo como ferramenta essencial para a construção de um mundo melhor, mais inclusivo e solidário. Tal itinerário, que segundo o autor, resulta na formação de gente boa, é ilustrado como caminho feito e cultivado por ele mesmo. É o que o leitor, gestor e educador, encontrará aqui: orientações e convicções essenciais para a liderança individual, a de outras pessoas e a de instituições educacionais, de cunho confessional ou não.

Uma das parábolas de Jesus, aquela da casa edificada sobre a rocha, mostra que a enchente bateu contra ela, mas não conseguiu derrubá-la porque estava bem construída. Já aquela construída na areia movediça, não resistiu a enxurrada e desabou. Edificar a casa sobre a rocha significa ser um discípulo que ouve e coloca em prática o que aprendeu, não aquele que age com imprudência e superficialidade. Na perspectiva de Clemente, construir sobre rocha denota pensar e agir

de acordo com a identidade e a missão institucional, exigindo coerência por parte de todos os atores da comunidade educativa.

Por acreditar na relevância e impacto do projeto educativo, o gestor educacional é, acima de tudo, uma pessoa de esperança. Característica esta, que o extrapola e, por essa razão, exige-lhe o melhor empenho. Como vivenciou Marcelino Champagnat, fundador dos Irmãos Maristas, o gestor é convidado à firme convicção de que se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalham nela os construtores, sendo inútil levantar de madrugada e retardar o repouso para comer o pão com fadigas, se, aos seus amados, o Senhor o dá enquanto dormem (cf. Sl126).

Vanderlei Siqueira dos Santos



INTRODUÇÃO

Ao publicar este livro de Cartas, desta vez, dedico o meu empenho aos Gestores Educacionais. Assim, fica completa uma série de escritos para educadores. Os livros desta coleção são simples e do mesmo estilo. Também escrevi Cartas a Estudantes, Cartas a Professores, Cartas a Pais de Estudantes e Cartas a Colaboradores das Escolas. Neste livro constam 30 cartas, seguidas de pequenas histórias, com alguma adaptação ao tema tratado. Conto histórias porque, além de aligeirar a leitura, elas têm muito a nos ensinar.

Possa o leitor encontrar, neste livro ou nesta pequena e despretensiosa coletânea, ideias que lhe sirvam, como a mim serviram. Ela contém lições que a vida de coordenador, o contato com os estudantes de diversas idades, a convivência com professores e os cargos exercidos na escola me ensinaram. Dessa maneira, procuro repassá-las aos atuais e futuros gestores educacionais.

Preocupa-me bastante o dizer, aqui adaptado, da poetisa goiana Cora Coralina: “Feliz de quem transfere o que sabe e aprende o que ensina”. Ao finalizar esta pequena série de livros, estou simplesmente

devolvendo um pouco do muito que tenho recebido na vida. Durante os anos em que vivi, tive a oportunidade de me dedicar à causa da educação: estudando, lendo, lecionando, escrevendo e dirigindo entidades e educandários. Confesso que muito aprendi e, que afinal, acredito no poder transformador da educação. De uma coisa estou convencido: ela é o meio privilegiado, senão o único, do progresso individual e da humanidade como da evolução das pessoas em nosso mundo.

Tenho visto, infelizmente, sobretudo em algumas universidades, que alguns poucos professores adotam posições incorretas sobre os valores que presidem a sociedade. Quero acreditar que isso seja por desconhecimento da verdadeira História da Humanidade. Alguns estudantes, naturalmente, acompanham seus mestres que se encontram desinformados ou, por vezes, até mal-intencionados ideologicamente. Dessa maneira, criam aversão por conquistas positivas já alcançadas pela humanidade. Na mídia divulgada à sociedade, acontece o mesmo fenômeno. O nosso mundo e o nosso país claramente precisam melhorar, nestes e noutros pontos; nunca piorar. Quem os ama, de fato, e gosta do que faz, procura melhorá-los.

Prezado leitor, inspirado no filósofo Platão, também acredito valer a pena repetir, até duas ou mais vezes, as belas e importantes coisas sobre nossa carreira de educador. Dizer de novo o que já foi dito, de um jeito diferente e por outra pessoa, além de reforçar

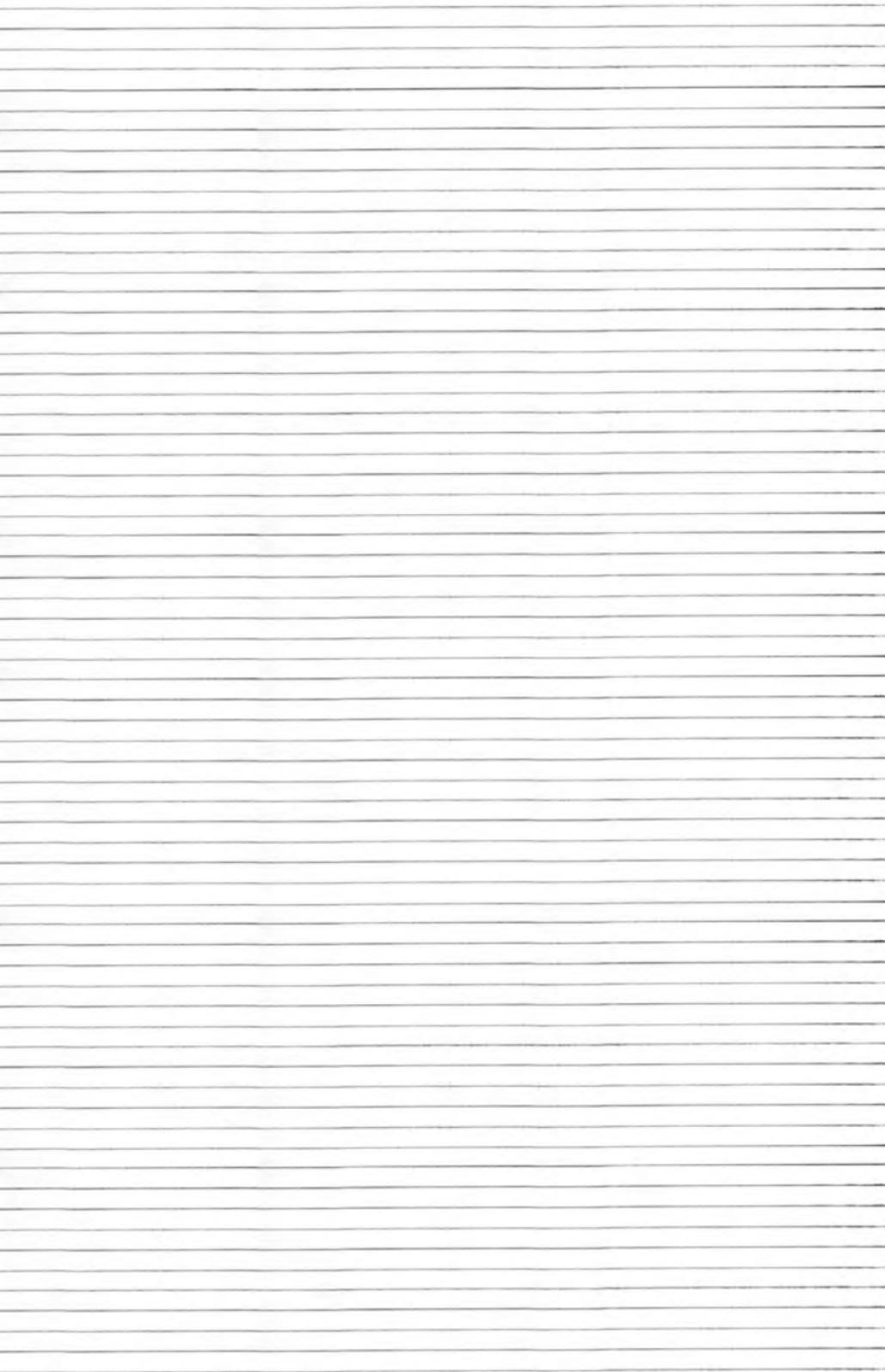
as ideias já tratadas, fazem a gente pensar que está ouvindo pela primeira vez.

Concordo plenamente com o pensador Emerson que acredita ser o educador quem faz as coisas difíceis parecerem fáceis e factíveis.

Certamente, não é fácil coordenar uma entidade educacional ou uma escola; creio mesmo que quem assumiu esta função o tenha feito por puro idealismo e dedicação.

Outrossim, acredito, como Shakespeare, que “o êxito de uma afirmação depende mais do ouvido de quem a escuta do que da boca de quem a pronuncia”. Assim, essas cartas produzirão mais efeito pela boa vontade e reta intenção de quem as lê do que pela convicção de quem as escreve.

O autor.



Carta 1

SEJA UMA PESSOA CENTRADA

Faça tudo com grandeza, bem e com estilo.

Fred Astaire

Prezado gestor,

Procure sempre, em suas ações, ser pessoa importante. Trate bem a todos, com respeito e dignidade. Depois de encontrarem-se com você, importa que as pessoas fiquem satisfeitas com o encontro que tiveram. Muitos podem não se lembrar do que você falou ou fez, mas sempre recordarão de como foram tratadas. Confúcio recomenda: “Trate seus superiores sem lisonja; e seus subordinados sem desprezo”. Em verdade, o responsável por uma instituição educacional precisa ser sempre uma pessoa direita, bem-intencionada e bem considerada por todos. Assim exige o seu cargo. Do contrário, ele perderá credibilidade. Seria isso a pior coisa que poderia acontecer-lhe.

Lembre-se de que todos têm muitas possibilidades. Com você não é diferente. Acredite mais em seu

potencial. Em geral, não usamos tudo o que podemos, nem todas as qualidades que possuímos. Shakespeare nos diz: “Sabemos quem somos, mas desconhecemos o que podemos ser”. O conceito sobre você depende de muitos fatores, principalmente do que você é e do que você faz. Siga, então, o conselho do oráculo de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. E a observação de Júlio César: “Os homens creem no que acreditam”. Cria, você tem um potencial muito grande.

Recorra à sua fortaleza para superar as debilidades que você apresenta, para melhor superar as dificuldades que aparecem pelo caminho. Você possui as qualidades necessárias para conseguir realizar bem o seu papel. Pense igualmente que Og Mandino tinha razão ao falar que a única medida certa de êxito é oferecer mais e melhores serviços no que fazemos. Imagine-se estar adotando um modelo até superior ao que se espera de você. Não pense que isso é pretensão, orgulho ou falta de modéstia de sua parte. É simplesmente um meio de ser bem-sucedido. T. S. Eliot é quem garante: “Só os que se arriscam a ir muito longe podem saber o longe a que se pode chegar”.

Martin Luther King Jr. estava certo, ao descrever o que se pensa hoje, praticamente em todas as instituições, incluindo as educacionais: “Temos a tendência de julgar o êxito mais pelo nosso salário ou pelo tamanho de nossos carros do que pela qualidade de nosso serviço e relação com a comunidade”.

As pessoas, em geral, não usam todas as possibilidades de que são detentoras. Este pode ser o seu caso. Igualmente, nos serve o pensamento de Teilhard de Chardin: “Como humanos, é nosso dever proceder como se os limites de nossas capacidades não existissem”. Pensando bem, não temos nada que temer. Se nos deram um posto, isso significa que viram em nós possibilidades para bem exercê-lo. Podemos tranquilamente afirmar com Louisa M. Alcott: “Não temo as tormentas, pois estou aprendendo a manejar meu barco”.

Os seguintes pensadores podem servir-nos de referência. Epicuro: “Os grandes navegadores devem sua reputação aos temporais e tempestades”. Francisco de Sales: “Se há ocasiões em que a tormenta nos acovarda, não há que ter medo. Tomemos alento e de novo sigamos adiante”. Publilius Syrus: “Ninguém sabe do que é capaz enquanto não tenta”. E Saint-Exupéry: “O homem mede a sua força quando se defronta com o obstáculo”.

Só quando se decide não desistir é que o esforço de cada um produz automaticamente resultados. O mundo está cheio de exemplos disso com pessoas bem-sucedidas. Madame Curie aconselha: “Na vida não há que temer nada”. Por isso, a melhor coisa que se pode fazer é comprometer-se a encontrar uma solução plausível e que funcione. Foi isso que eu fiz ao assumir os meus cargos; o que, até hoje, tem dado certo.

Por esse motivo, eu posso fazer-lhe a mesma recomendação. Pessoalmente, segui Alfred Sloan Jr. que recomendou: “Sempre acreditei em planejar grande e sempre descobri, posteriormente, que poderíamos ter planejado algo maior”.

Pense também no dizer de Abraham Lincoln: “Recorde sempre que a sua decisão de triunfar é mais importante do que qualquer coisa”. Igualmente o filósofo Kierkegaard fala: “Arriscar-se é perder o equilíbrio momentaneamente. Não arriscar é perder-se a si mesmo”. O desperdício da vida está justamente nas forças que poderiam ser usadas e não foram.

A bem-sucedida apresentadora americana Oprah Winfrey fala que “sorte é uma combinação de preparação e oportunidade”. Oportunidade você já teve: você foi conduzido a uma chefia. Lembre-se de que a preparação, a outra parte, inclui o desejo de vencer e sobretudo inclui muita persistência. Quando se fracassa, em geral, se tem um milhão de razões para justificar a falha; dificilmente, porém, se reconhece a culpa ou a falta de coragem e disposição.

A palavra *impossível* não deve existir em seu dicionário. Isso, você precisa aprender. É o que aconselha um velho ditado português: ‘Vive para aprender e aprenderás a viver’. Ouça o que fala o filósofo romano Sêneca: “Não é porque certas coisas são difíceis que nós não ousamos. É justamente porque não ousamos que tais coisas são difíceis”. Na realidade, a vida inteira, a gente colhe o que plantou. Invoque,

então, a ajuda de Deus para que o auxilie a mudar o seu medo em fortaleza. Madre Teresa, entre outras coisas, pergunta: “qual é o maior obstáculo que encontramos?” E responde: “é o medo”.

Todo o mundo pensa em mudar. Em mudar os outros, é claro; até mesmo em mudar a humanidade, se possível. Não se conhece que Gandhi aconselhou para cada um ser o que deseja ver fora de si: “todos pensam que podem mudar o mundo, mas poucos pensam em mudar a si mesmos.” É o que Tolstói também fala. Quase ninguém pensa nisso. É bastante evidente que para ser bem-sucedido, em geral, é preciso mudar. Quando a gente muda, parece que tudo muda. A mudança implica crescimento pessoal. É lógico, que sempre traz algum risco. Há que enfrentar o desconhecido. Para andar por novos caminhos, deve-se deixar velhas verdades e admitir novas possibilidades. Só assim se cria a nova realidade.

Admite-se que a vida esteja em contínuo movimento, que nada permanece quieto. Existe uma velha máxima que diz: “Se fazes sempre o mesmo, sempre obterás idêntico resultado”. O apego às velhas ideias torna-se, assim, um grande inimigo, até mesmo de seu sucesso pessoal.

Lembre-se de que a realidade é o que é; as instituições são o que são; não é questão, portanto, de criar outro mundo, no qual as coisas sejam diferentes. É, sim, questão de criar outro você, que se adapte a este novo mundo. As mudanças são sempre oportunidades de transformação. As pessoas que sabem

evoluciona, em face de alguma adversidade, se tornam, *ipso facto*, melhores. Seu entusiasmo em mudar, quando necessário, é como uma nova gasolina que mantém seu motor em contínuo funcionamento. Lembre-se ainda do que falou Charlie Chaplin: “A persistência é o caminho do êxito”. Ou Cora Coralina: “Desistir? Eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério”. Vale também o que disse o piloto Ayrton Senna: “Se você quer ser bem-sucedido, precisa ter dedicação total, buscar seu último limite e dar o melhor de si mesmo”.

Ao se obter algum sucesso, por exemplo, “quando um homem escreve um livro melhor, prega um sermão melhor ou prepara uma arapuca melhor para os ratos que seu vizinho, mesmo que more num bosque, o mundo abrirá um caminho até a sua porta”. Esta é uma observação do filósofo Emerson. Assim será o reconhecimento pelo sucesso de alguém em qualquer cargo. E também do seu.

Prepare-se, então, para ser o que você tem de ser. Qualquer pessoa pode ser modificada para melhor, se assim quiser realmente. Não seja como o elefante que não sabe a força que possui. Dê preferência ao conselho do poeta latino Virgílio: “Eles são capazes porque se consideram capazes”. Ou do escritor George Eliot: “Nunca é tarde demais para ser o que pretendemos ter sido”. Quando se busca o cume de uma montanha, não se dá importância às pedras que são encontradas pelo caminho.

Quero aplicar aos gestores educacionais os belos versos do poeta Guillaume Apollinaire:

“Cheguem até a borda, ele disse.
Eles responderam: temos medo.
Cheguem até a borda, ele repetiu.
Eles chegaram.
Ele os empurrou... e eles voaram”.

Aqueles que nos amam podem até nos empurrar! Se, por acaso, algo não der certo, não desanime, supere a sua incapacidade momentânea, pensando em Henry Ford. Ele falou: “O insucesso é apenas oportunidade para começar de novo com mais inteligência. O passado só nos serve para mostrar nossas falhas e fornecer indicações para o progresso do futuro. Terminei meus pensamentos citando Shakespeare: “Morrer ignorante sabendo que tinha capacidade de ter sido sábio, isto sim, é uma tragédia humana”.

Para acabar esta carta, conto-lhe o que aconteceu com Jerry. Ele é excelente exemplo para todos, até mesmo para você.

A escolha

Jerry era um tipo de pessoa que sempre estava de bom humor e tinha algo positivo para dizer. Quando alguém lhe perguntava como ia ou como se sentia, respondia: “Estou tão bem que não caibo em mim”. Ele era o gerente de uma cadeia de restau-

rantes. Muitos funcionários queriam trabalhar com ele, porque ao terem algum problema, sabiam que Jerry estaria a seu lado.

Seu estilo despertou minha curiosidade, até que um dia lhe disse: "Não o entendo. Que faz você para estar sempre de bom humor? Qual é o seu segredo"? Ele me respondeu: "Cada manhã, ao levantar-me, digo para mim mesmo: Jerry, hoje você tem duas opções: pode escolher a de estar de bom humor ou a de estar de mau humor. E eu sempre opto por estar de bom humor. Durante o dia, procuro cumprir minha promessa. Então, cada vez que acontece algo de mal ou que alguém se queixa, procuro olhar o lado positivo da vida".

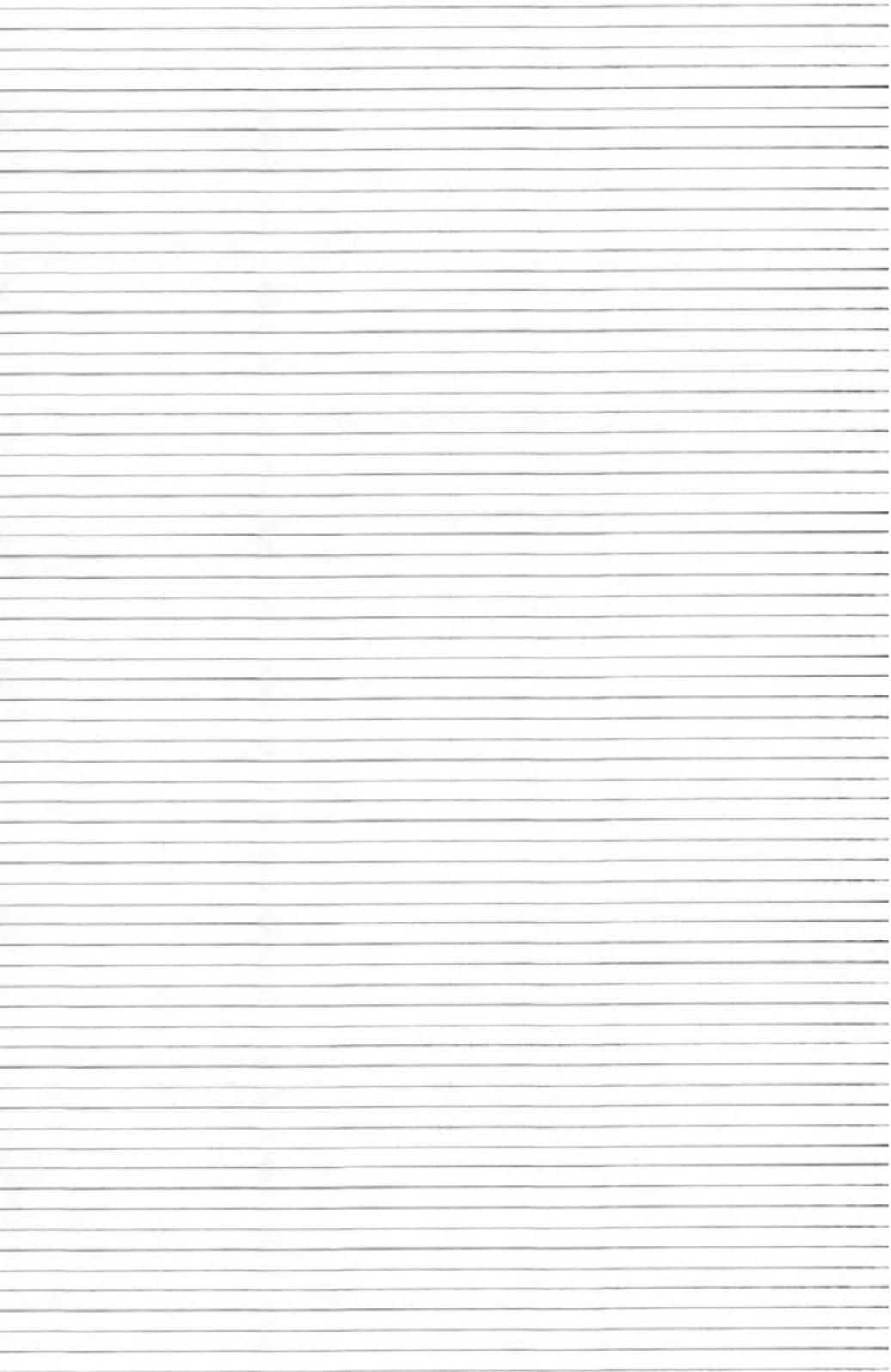
Refleti, então, sobre o que Jerry havia dito. Anos depois, quando já o havia perdido de vista, soube dele pelo jornal. Tinha deixado a porta traseira do carro aberta, enquanto abria a porta de casa e fora assaltado por três bandidos armados. Estes entraram na casa e exigiram que ele abrisse o cofre. Trêmulo de nervosismo, não conseguiu fazer a combinação dos dígitos, o que causou pânico nos bandidos que dispararam e fugiram. Por sorte, Jerry foi encontrado por vizinhos muito ferido no chão ainda vivo e levado às pressas para um hospital. Socorrido, ficou semanas hospitalizado e hoje continua levando fragmentos de balas pelo corpo.

Depois de meses, encontrei Jerry de novo e lhe perguntei como estava. Ele me respondeu: "Tão bem que não caibo em mim" Contou-me, então, o acontecido. Disse-me: "Quando estava no chão, recordei que tinha duas opções: podia optar por viver ou morrer. Escolhi viver". Então perguntei-lhe: "Você não teve medo"? Ele prosseguiu: "As enfermeiras foram maravilhosas ao atender-me. Uma, porém, me disse: és um homem morto! Vi, então, que estava muito mal e que deveria reagir. Essa enfermeira me perguntou gritando se eu era alérgico a algo. Depois da espera por minha resposta, respondi: Somente a balas de revólver! Mas optei por viver. Ocupem-se de mim como de um ser vivo e não de um morto"!

Jerry suportou tudo com bom humor e ainda está vivo.

Ele é um exemplo para todos, até para os gestores educacionais, por sua coragem e permanente disposição.¹

¹ Inspirado em Francie Baltazar-Schwartz, narradora, no livro de Jack Canfield e outros. *Sopa de pollo para el alma en el trabajo: relatos de valor, solidaridad y creatividad en el trabajo*. Barcelona: ALBA EDITORIAL, s.l.u., 2002, 177-179.





SOBRE O AUTOR

Clemente Ivo Juliatto é formado em Matemática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Cursou mestrados em Ensino Superior e Planejamento & Pesquisa Institucional e doutorado em Organização e Administração Universitária na Universidade de Columbia, em Nova York. Cursou pós-doutorado na Universidade de Harvard, Massachusetts, EUA e na Universidade de Londres, na Inglaterra.

Recebeu título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Marcelino Champagnat (Peru), Consejo Iberoamericano en Honor a la Calidad Educativa (Panamá) e Universidade Aix-Marseille (França).

Foi professor do ensino fundamental, médio e superior, diretor de escola, é reitor emérito da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. É membro da Academia Paranaense de Letras.

Sobre as ilustradoras

Rosane Wagner é artista visual, produziu mais de 5 mil obras de pintura em tela e utiliza técnicas mistas de pintura, como aquarela, óleo sobre tela e acrílica. Participa de exposições coletivas e individuais em espaços culturais.

Elizabeth Wagner iniciou sua carreira no cinema, integrando o grupo dos Irmãos Wagner, cuja filmografia é reconhecida e premiada no Brasil e no exterior. Atua na área de artes visuais com ilustrações utilizando técnica nanquim sobre tela.

Este livro contém orientações para a educação e o trabalho dos diretores de escolas ou responsáveis por instituições educacionais, bem como para os seus coordenadores. Deles depende, em última análise, a educação das pessoas da instituição. Com seu desempenho e presença influenciamos professores e todos os membros da escola e, por estes, os estudantes e toda a sociedade. O trabalho de educação, quando feito em sintonia, torna-se eficaz.

Por meio de 30 cartas, o autor aborda importantes lições aprendidas durante a sua larga experiência como educador. Traz, igualmente, pensamentos de especialistas que se ocuparam do assunto e pequenas histórias alusivas ao que escreve.

Estas cartas também podem ser úteis a quem estuda ou trabalha com educação. Elas não precisam ser lidas na ordem proposta.

